

# **LARILARÁ MACUNAÍMA SARAVÁ**

Peça de Marcos Barbosa

Escrita especialmente para a montagem do grupo Expressões Humanas a partir da rapsódia *Macunaíma* de Mário de Andrade

## **PERSONAGENS**

Macunaíma

Jiguê

Piaimã

Mário de Andrade

Mãe

Iriqui

Currapira

Caipora

Ci

Naipi

Capei

Senhora

Malandro

Prostituta 1

Prostituta 2

Locutor

Vei

Filha de Vei 1

Filha de Vei 2

Filha de Piaimã

Repórter

Uiara

## MACUNAÍMA

### Cena 1

*Numa rede, na varanda de uma chácara, Mário de Andrade escreve vigorosamente em um caderno, enquanto fuma.*

*Muito pensativo e absorto em seu afazer, ele trabalha com ímpeto: risca, anota, desiste, tira os óculos, limpa o suor da testa, traga outra vez o cigarro, pensa por alguns segundos e logo lembra de qualquer coisa que o faz voltar ao frenético ritmo de produção inicial. Este vaivém parece não acabar nunca.*

*Há ainda na rede outros cadernos aos quais ele retorna de vez em quando para conferir algo escrito anteriormente.*

*Após cada pausa, parece voltar com mais afinco à escrita. A impressão que se tem é de que ele há muito tempo está envolvido com o trabalho.*

*Numa das pausas de escrita, dirige-se ao público:*

**MÁRIO DE ANDRADE.** Eu ainda lembro. Lembro, sim. Ele chegou num 16 de dezembro, em 1926. É dezembro.

*Ouvem-se pancadas de um ogã. Poucas pancadas, que subitamente desaparecem, Mário de Andrade não se apercebe delas.*

**MÁRIO DE ANDRADE.** E não veio de surpresa, não. Me preparei pra visita. Me preparei muitos anos, mas não tem jeito. Me assustei, me assarapantei. Muito, até. Admito. Ainda mais eu, que no geral sou perfeitamente consciente de tudo que pratico. Palavra de honra, tem erro que faço conscientemente porque me convenço que ele carece de existir. O ano é 1926.

*Por um tempo Mário de Andrade volta aos cadernos e ao cigarro, neste ínterim, um batuque e uma canção começam a ser ouvidos ao longe.*

**MÁRIO DE ANDRADE.** *(após um tempo, desistindo mais uma vez da escrita)* Me botei pra chácara de um tio em Araraquara, só com os livros indispensáveis para a criação seguir como eu queria e zás. Escrevi. Dia e noite, dia e noite, feito doido. Começava bem cedo e de noite esperava meu tio, cuidadoso de saúde, fechar a luz e dormir. Aí acendia minha luz de novo, escrevendo, escrevendo. Uma pilha de cadernos. Uma pilha assim. Seis dias, sete cadernos. E eu lá, sem conseguir ajuizar. Escrevendo, escrevendo.

*O canto intensifica. Ainda não se pode dizer exatamente do que se trata, mas é certo que ele está se aproximando.*

**MÁRIO DE ANDRADE.** Faz mais de setenta anos. Vez por outra volto para alguma coisa que escrevi antes. No fim nem sei mais onde estou. É muita coisa. Muita coisa. Em seis dias foram sete cadernos.

*O canto está mais próximo.*

**MÁRIO DE ANDRADE.** Vez por outra eu bebo qualquer coisa. Fome mesmo não tenho não. Araraquara significa ninho da luz.

*Mário traga fundo e volta a escrever, absorto como sempre. Já se pode perceber em plenitude o que cantam as vozes que se aproximam:*

*Oh, Abaporu!  
Vamos saravá!  
Oh, Rei da Vela!  
Vamos saravá!  
Oh, Ritmo Dissoluto!  
Vamos saravá!  
Oh, Cabeça de Cristo!  
Vamos saravá!  
Oh, La Divina Incrência!  
Vamos saravá!  
Oh, Fantoques da Meia Noite!  
Vamos saravá!  
Oh, Brás, Bexiga e Barra Funda!  
Vamos saravá!  
Oh, No Meio do Caminho!  
Vamos saravá!*

*Mário pára outra vez, não parece ser capaz de ouvir o canto ou o batuque, mas está cada vez mais impaciente, afobado, com calor.*

**MÁRIO DE ANDRADE.** E eu sempre fui muito paciente, sempre. E de muita consciência. Tenho até orgulho. E lá, na rede, escrevendo e rindo, escrevendo e rindo. Sou muito ordeiro, muito. Mas no fim aquilo foi abrindo meu peito, abrindo meu peito bem e eu só chorava. Chorava. Me inquieta. Lógico.

*Novamente, Mário de Andrade pára, fuma, limpa o suor, tenta se acalmar. O canto cada vez mais presente:*

*Oh, Estudante Russa!  
Vamos saravá!  
Oh, Libertinagem!  
Vamos saravá!  
Oh, Bachianas!  
Vamos saravá!  
Oh, O Homem Amarelo!  
Vamos saravá!  
Oh, Rua das Erradias!  
Vamos saravá!  
Oh, Juca Mulato!  
Vamos saravá!  
Oh, Martim Cererê!  
Vamos saravá!*

**MÁRIO DE ANDRADE.** (*visivelmente alterado*) Começou faz seis dias. Uma pilha assim de cadernos e eu nessa rede, em Araraquara, escrevendo. 1926. Fome mesmo não tenho não. Depois bebo qualquer coisa. Chegou num 16 de dezembro Não teve jeito. Eu lembro. Meu peito abrindo bem e eu chorando, chorando. Araraquara é ninho da luz. Lembro, sim. Morri de enfarto em 27 de fevereiro de 1945 e ele chegou num 16 de dezembro, em 1926. Foi enfarto. Foi-

*O discurso de Mário é interrompido por uma evocação:*

Ê, Macunaíma!  
- Laroîê Macunaíma!  
Nosso padre, Macunaíma!  
- Laroîê Macunaíma!  
Ê, Macunaíma!  
- Laroîê Macunaíma!

*Mário de Andrade parece sentir-se mal. Ouve-se um canto de evocação::*

Ê, Macunaíma! Quem te mandou?  
- Quem te mandou, Macunaíma?  
Ê, Macunaíma! Quem te mandou?  
- Quem te mandou, Macunaíma?

*Mário de Andrade sente contrações muito intensas no ventre. Grita, num misto de prazer e medo enquanto se contrai.*

Ê, Macunaíma! Quem te mandou?  
- Quem te mandou, Macunaíma?  
Ê, Macunaíma! Quem te mandou?  
- Quem te mandou, Macunaíma?

*Ao som dos chamados e dos gritos do escritor, Macunaíma começa a deixar o corpo do escritor e a rede. A pancada marcada dos ogãs acelera mais e mais em meio aos gritos de Mário de Andrade.*

*Silêncio súbito.*

*Macunaíma nasce, finalmente. O escritor, aliviado, se recosta na rede para descansar. Macunaíma é saudado:*

Ê, Macunaíma! Saravá!  
- Laroîê Macunaíma!  
Saravá! Nosso padre, Macunaíma!  
- Laroîê Macunaíma!  
Saravá!

**MACUNAÍMA.** (*sem entusiasmo pelas saudações*) Ai, que preguiça!

*Um novo canto começa:*

*Chegou, chegou,  
Veio do mato, chegou  
Chegou, chegou,  
Veio do mato, chegou*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Ele rasga, ele mata, ele cura ele come  
Ele rasga, ele mata, ele cura ele come*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Macunaíma repara em Mário, que dorme na rede. Espreita-o e se aproxima.*

*Ele é escravo, é senhor  
É terra, é fogo, é ar, é mar  
Reina nos quatro cantos da terra*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Ele rasga, ele mata, ele cura ele come  
Ele rasga, ele mata, ele cura ele come*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Macunaíma entra na rede de Mário, fareja-o, roça-o, lambe-o.*

*Chegou, chegou,  
Veio do mato, chegou  
Chegou, chegou,  
Veio do mato, chegou*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Ele rasga, ele mata, ele cura ele come  
Ele rasga, ele mata, ele cura ele come*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Ouve-se um grito de Mário. A música pára de repente. Na rede, Macunaíma é visto devorando as vísceras de Mário. Outra vez o canto recomeça e, embalado pela canção, Macunaíma sacia a fome com voracidade.*

*Ele é escravo, é senhor  
É barro, é fogo, é vento, é mar  
Reina nos quatro cantos da terra*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Ele rasga, ele mata, ele cura ele come*

*Ele rasga, ele mata, ele cura ele come*

*- Laroîê, Macunaíma, vamos saravá*

*Cai a luz e a música vai dando lugar aos sons de uma floresta.*

## **Cena 2**

*Na maloca, trepado num jirau, Macunaíma canta enquanto sua mãe, seu irmão e sua cunhada cuidam dos afazeres diários. Iriqui, a cunhada, se diverte com Macunaíma, mas ri com contenção, escondendo-se do esposo, Jiguê, que está muito enervado.*

**MACUNAÍMA.** Palmito sem pau é mito  
Palmito sem mito é pau  
Tiraram o pau do palmito  
E o palmito ficou se pau

**JIGUÊ.** Está nisso faz mais de dia, mãe!

**MÃE.** Coisa de piá. Logo passa.

**MACUNAÍMA.** Cumade sem cu é made  
Cumade sem made é cu  
Tiraram o cu da cumade  
E a cumade ficou sem cu

**JIGUÊ.** Isso é modinha que se cante?

**MÃE.** Água de chocalho foi muita. Agora é que ele aprendeu a falar...

**JIGUÊ.** Devia de não ter aprendido.

**MACUNAÍMA.** Quando eu morrer  
Me enterre na cova funda  
Senão vem um urubu  
Pra comer a minha bunda

*Iriqui ri da troça de Macunaíma e recebe um safanão de Jiguê.*

**MACUNAÍMA.** O velho mais a velha  
Foram tomar banho na bica  
A velha escorregou  
E o velho meteu-lhe a pica

**JIGUÊ.** Cala a boca, piá!

*Macunaíma faz uma pausa na cantoria, para o alívio de Jiguê, mas de súbito recomeça:*

**MACUNAÍMA.** Tabaco e rola pegaram uma pareia  
Tabaco ficou de lado e rola caiu na areia  
Tabaco de pé inchado e rola de cara feia

**JIGUÊ.** Meus cuidados, cale a boquinha, senão acaba engolindo mutuca.

**MACUNAÍMA.** Pois mano Jiguê deixa eu cantar só bem baixinho, feito ruidejar de riacho, mano deixa?

**JIGUÊ.** Bem baixinho?

**MACUNAÍMA.** É.

**JIGUÊ.** Pois pode.

**MACUNAÍMA.** Pois mano Jiguê deixa Iriqui se achar, para mim cantar no ouvido dela, mano deixa?

**JIGUÊ.** Jacaré deixa, meus cuidados? Nem eu!

**MACUNAÍMA.** Aí eu choro, mano.

**JIGUÊ.** Se chorar, barata rói seu olho.

**MACUNAÍMA.** Rói não, que nunca roeu...

**JIGUÊ.** Pois abra logo da goela, piá, que linda Iriqui de onde está num arreda nem arreda.

*Macunaíma põe-se a chorar um choro forçado e irritante de criança. Enquanto podem, Mãe, Jiguê e Iriqui ignoram a birra, mas o choro nunca cessa.*

**MÃE.** Deixe sua mulher prosear com Macunaíma, Jiguê...

*Macunaíma reduz um pouco o volume do choro, à espera da reação de Jiguê.*

**JIGUÊ.** Deixo o quê, mãe! Macunaíma eu conheço. Nome principiado por “ma” tem má sina.

**MÃE.** Ele ainda é pequeno.

**JIGUÊ.** Espinho que pinica, de pequeno já traz ponta.

*Macunaíma chora ainda mais forte.*

**MÃE.** Diga para vosso mano Jiguê, coraçãozinho dos outros, que vosmecê só quer mesmo é prosear com linda Iriqui.

**MACUNAÍMA.** É só prosear, Jiguê.

**JIGUÊ.** Está enganando de novo, mãe.

**MÃE.** Diga para vosso mano Jiguê, coraçãozinho dos outros, que vosmecê não está enganando não.

**MACUNAÍMA.** Não estou enganando não, Jiguê.

**JIGUÊ.** Se eu deixar, mãe, ele passa que passa a mão na graça da linda Iriqui, que eu sei.

**MÃE.** Diga para vosso mano Jiguê, coraçãozinho dos outros, que vosmecê não passa que passa a mão na graça da linda Iriqui não.

**MACUNAÍMA.** *(pensa um pouco antes de responder)* É só prosear, Jiguê.

**JIGUÊ.** Mãe acoberta Macunaíma. Esse piá só cuida de festinha e brincadeira.

**MACUNAÍMA.** Mas se eu gosto, mano...

**JIGUÊ.** Pois vá decepar cabecinha de saúva, que você tanto gosta.

**MACUNAÍMA.** Decepar cabecinha de saúva?

**JIGUÊ.** É.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Pois vá catar pacova no mato.

**MACUNAÍMA.** Catar pacova no mato?

**JIGUÊ.** É.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Pois fique chorando mesmo, peste. Diz que é bom pro forgo.

*Macunaíma reabre o berreiro.*

**MÃE.** Ô, Jiguê, será se linda Iriqui não me fazia o agrado de conversar com o piá?

*Risonha, Iriqui faz que sim com a cabeça, mas Jiguê acerta-lhe um golpe que a faz se recolher.*

**JIGUÊ.** Agrado nenhum linda Iriqui não faz. Acabou-se a história! Levanta do jirau, piá. Anda com vosso mano pro rio, bater timbó.

**MACUNAÍMA.** Pro rio bater timbó?



**JIGUÊ. É.**

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Conversa não enche barriga, saco seco não se põe de pé. Macunaíma vem mais seu mano pescar sim. Qualquer coisa tem que achar pra comer, agora que Maraguingana mandou enchente e milho apodreceu.

**MACUNAÍMA.** Mãe, quem que matou o boto, filho de Maraguingana, para comer? Me conta, velha, quem fez essa raiva Maraguingana. Quem que foi?

*Risonha, Iriqui aponta para Jiguê. Toma então outra bordoada do marido.*

**JIGUÊ.** Anda pro rio bater timbó, piá!

**MACUNAÍMA.** Jacaré vai, mano? Nem eu!

**MÃE.** Rio está perigoso, Jiguê. Enchente traz muito candiru, sabe lá se algum não entra no seu distintivo de atrás...

**MACUNAÍMA.** Iriqui mostra o distintivo de atrás pra mim ver?

*Desta vez, Iriqui sustenta a risada antes do golpe de Jiguê.*

**JIGUÊ.** Apois fica então nós tudo com fome.

**MACUNAÍMA.** *(após uma pausa)* Mãe...

**MÃE.** Fala, piá, mãe escuta.

**MACUNAÍMA.** Já pensou, mãe, se Jiguê não tivesse deixado nós tudo com fome promode raiva que fez a Maraguingana? Já pensou muita fartura, mãe, muito decumê na maloca? Uma anta gorda que nem parida promode assar?

**MÃE.** Pensei inda não.

**MACUNAÍMA.** Pois pensa aí, mãe...

**MÃE.** Pronto. Pensei.

**MACUNAÍMA.** Como que era?

**MÃE.** Era bom.

**MACUNAÍMA.** Será se assim passava raiva de Jiguê e ele deixava Iriqui se achegar, pra mim conversar no ouvido dela?

**MÃE.** Aí já não sei.

**MACUNAÍMA.** Pergunta, mãe.

**MÃE.** Jiguê.

**JIGUÊ.** O quê?

**MÃE.** Se tivesse de repente muita fartura, muito decumê na maloca, uma anta gorda que nem parida promode assar, será se você deixava linda Iriqui prosear só um poucadinho de nada com vosso mano Macunaíma?

**JIGUÊ.** E com essa enchente, mãe, onde é que vai ter anta?

**MÃE.** *(para Macunaíma)* E com essa enchente, piá, onde é que vai ter anta?

**MACUNAÍMA.** Deixava ou não deixava, mãe?

**MÃE.** Deixava ou não deixava, Jiguê?

**JIGUÊ.** Pois se tivesse mesmo anta, deixava. Agora, só conversar! Sem botar a mão na graça e sem fazer talequal fazia com Sofará, brincando de todo jeito, fazendo festa de cutucar, de cócega, de se enterrar na areia, de se queimar com fogo de palha, de bater de pau na cabeça, de engolir dedão do pé, de guspir no peito, de jogar pedra para ver sangue espirrar nem de depois ficar se rindo um pro outro.

**MACUNAÍMA.** Que foi que ele disse, mãe?

**MÃE.** Disse que deixava, mas sem botar a mão na graça, sem brincar e sem fazer festa de cutucar, de cócega, de se enterrar na areia, de se queimar com fogo de palha, de bater de pau na cabeça, de engolir dedão do pé, de guspir no peito, de jogar pedra para ver sangue espirrar nem de depois ficar se rindo um pro outro. Por isso que ele devolveu Sofará ao pai dela, meus cuidados.

**MACUNAÍMA.** Pois fecha bem o olho, mãe, e pergunta assim: “Onde estará a anta que Macunaíma caçou, gorda que nem parida?” Fecha os olhos um poucadinho, velha, e pergunta assim.

**MÃE.** E vendo seus bem-quereres passando fome na enchente, coraçõzinho dos outros caçou anta e não disse um isto?

**MACUNAÍMA.** Pergunta, mãe.

**MÃE.** *(fechando os olhos)* Onde estará a anta que Macunaíma caçou, gorda que nem parida?

**MACUNAÍMA.** No bebedouro velho, amarrada em corda de curauá, sopradinha de fumaça de petum, que pai de terreiro trançou e benzeu.

**JIGUÊ.** Mentira, só pode!

**MACUNAÍMA.** Manda Jiguê lá ver, mãe.

**JIGUÊ.** Comigo não, violão, que te conheço pelo torto e pelo avesso. Vá lá botar sentido, linda Iriqui. E volte logo, que essa história é mentira, só pode.

*Sai Iriqui, risonha.*

**JIGUÊ.** *(após um tempo, Jiguê fala reservadamente à mãe, sem que Macunaíma ouça)* Esse aí não é mais curumim, não. Curumim faz disso não. Nunca vi piá que se arvora todo quando se fala em vintém.

*À menção da palavra “vintém”, Macunaíma levanta, ligeiro.*

**MACUNAÍMA.** É vintém, mãe? É vintém? Dandar pra ganhar! Dandar pra ganhar!

**MÃE.** É vintém não, meus cuidados, é conversa.

**MACUNAÍMA.** Conversa prestou eu fico, se não presta vou me embora. *(volta para o jirau)* Ai, que preguiça...

*Entra Iriqui, risonha, arrastando uma anta gorda que nem parida, para o assombro da Mãe e de Jiguê.*

**MÃE.** Coraçõzinho dos outros, nós aqui com tanta fome e vosmecê escondendo essa anta, gorda que nem parida! Curumim faz isso não.

**MACUNAÍMA.** *(divertindo-se)* Era pra mim ver mano Jiguê, mãe, magrinho feito cipó. Mano Jiguê passando fome fica que é uma graça. Anda prosear, Iriqui! Mano disse!

**MÃE.** Vá limpar a anta, Jiguê. Botar no fogo promode assar.

*Jiguê hesita em sair.*

**MÃE.** Vá que eu vigio a conversa do piá com linda Iriqui.

*Sai Jiguê, desconfiado, levando a anta. Iriqui se aproxima exultante do jirau de Macunaíma, que se achega da cunhada e começa a soprar-lhe ao ouvido coisas que a fazem rir.*

**MACUNAÍMA.** Mãe...

**MÃE.** Fala, piá, mãe escuta.

**MACUNAÍMA.** Fecha bem o olho, mãe, e pergunta assim “Onde estará a penca de pacova que Macunaíma escondeu?” Fecha os olhos um poucadinho, velha, e pergunta assim.

**MÃE.** Coraçõozinho dos outros achou pacova e escondeu? Pacova apodrece ligeiro em tempo de muita água.

**MACUNAÍMA.** Pergunta, mãe...

**MÃE.** (*fechando os olhos*) Onde estará a penca de pacova que Macunaíma escondeu?

**MACUNAÍMA.** Está no cabeço do cerro, mas se mãe não for logo estraga.

**MÃE.** Pois vou sim, piá, que em tempo de precisão, hoje tem, amanhã terá ou não.

*Sai a mãe.*

**MACUNAÍMA.** (*confessando a Iriqui*) Jacaré achou pacova? Nem eu!

*Os dois riem.*

**MACUNAÍMA.** Mas Iriqui vai achar minha pacova já-já.

*Macunaíma agarra Iriqui e os dois começam a brincadeira, rindo.*

### **Cena 3**

*Cafundó do Judas. Entra a Mãe, exaurida e impaciente, carregando Macunaíma às costas. Ele se diverte com o passeio.*

**MACUNAÍMA.** Está perto, mãe?

**MÃE.** Está quase.

**MACUNAÍMA.** Está quase já faz é tempo... Onde é mesmo, mãe?

**MÃE.** Lá mãe diz.

**MACUNAÍMA.** Está perto, mãe?

**MÃE.** Está quase.

**MACUNAÍMA.** Está quase já faz é tempo... Onde é mesmo, mãe?

**MÃE.** Lá mãe diz.

**MACUNAÍMA.** Está perto, mãe?

**MÃE.** (*largando Macunaíma*) Pronto, piá, chegou!

*A Mãe pára um pouco para descansar.*

**MACUNAÍMA.** Eita, nós! (*observa o lugar*) Onde é aqui mesmo, mãe?

**MÃE.** É dito “Cafundó”. Do Judas.

**MACUNAÍMA.** Meio sem formosura.

**MÃE.** É assim mesmo.

**MACUNAÍMA.** Terá sido aqui que o dito Judas perdeu a espora?

**MÃE.** Qual! Isso é muito lá para trás. Aqui é meio mundo depois de onde ele perdeu a bota.

**MACUNAÍMA.** Bem longe deve de ser.

**MÃE.** Lá isso é.

*Recobrando forças para seguir viagem, a Mãe faz menção de sair.*

**MACUNAÍMA.** E agora, mãe?

**MÃE.** Vossa mãe vai embora.

**MACUNAÍMA.** Volta logo?

**MÃE.** Ih... Tão cedo não volto!

**MACUNAÍMA.** E eu, mãe?

**MÃE.** Fica perdido no coberto e pode crescer mais não. Perdido sem ter volta, coraçãozinho dos outros. Castigo para nunca mais não brincar com cunhada.

**MACUNAÍMA.** Deixa eu aqui só não, mãe...

**MÃE.** Já deixei, coraçãozinho dos outros. Já deixei.

**MACUNAÍMA.** E se eu jurar que nunca mais não brinco?

**MÃE.** Quem que acredita?

**MACUNAÍMA.** Pois então eu choro.

**MÃE.** Quem que escuta?

**MACUNAÍMA.** Pois então eu morro.

**MÃE.** (*indo embora*) Morre lá o quê!

**MACUNAÍMA.** Volta, mãe!

**MÃE.** *(já fora de cena)* Nem escuta a zoada da mutuca. Fique aí no seu castigo.

**MACUNAÍMA.** Ah, danada, que te pego! Te pego na virada, viu, mãe?

*Macunaíma olha em volta e tenta arranjar algo para se entreter no ermo do Cafundó do Judas. Naturalmente, não encontra nada. Em poucos segundos já está completamente aborrecido. Nisso chega Currupira, cantarolando, senta-se e faz fogo. Macunaíma se aproxima e fica espreitando.*

**CURRUPIRA.** Não me olhe de banda que não sou quitanda.

**MACUNAÍMA.** Meu avô, como lhes vai?

**CURRUPIRA.** Como é servido.

**MACUNAÍMA.** Fazendo fogo, né?

**CURRUPIRA.** Parece.

**MACUNAÍMA.** Pois então.

**CURRUPIRA.** O que vosmecê faz aqui na capoeira, rapaz?

**MACUNAÍMA.** Eu?

**CURRUPIRA.** É.

**MACUNAÍMA.** Passeando...

**CURRUPIRA.** Ah, o quê!

**MACUNAÍMA.** Passeando, então.

**CURRUPIRA.** Quem te trouxe?

**MACUNAÍMA.** Nêga do doce.

**CURRUPIRA.** Ara... Conta logo.

**MACUNAÍMA.** Foi mãe.

**CURRUPIRA.** Modos quê?

**MACUNAÍMA.** Castigo.

**CURRUPIRA.** De qual mal feito?

**MACUNAÍMA.** Nada.

**CURRUPIRA.** Esse é irmão desse.

**MACUNAÍMA.** Brincadeira, só.

**CURRUPIRA.** Vosmecezinho, tão pequeno?

**MACUNAÍMA.** Ora pois.

**CURRUPIRA.** Brincou com quem?

**MACUNAÍMA.** Umas e outras. Mas castigo mesmo foi por causa de Sofará e de Iriqui, mulheres de mano Jiguê.

**CURRUPIRA.** Vosmecê não é mais curumim não, piá. Curumim faz isso não.

**MACUNAÍMA.** *(pausa)* É fogo pra moquear alguma caça?

**CURRUPIRA.** Esse é.

**MACUNAÍMA.** Meu avô dava um pedaço?

**CURRUPIRA.** Até que dava, mas caça ainda não peguei. Serve carne de minha perna?

**MACUNAÍMA.** Meu avô me dava?

**CURRUPIRA.** Meu neto querendo.

**MACUNAÍMA.** Bem que aceito.

**CURRUPIRA.** Pra já.

*Macunaíma observa o Currupira tirando com a faca um pedaço de carne da perna.*

**MACUNAÍMA.** Corte um teco maior, meu vô, qual!

**CURRUPIRA.** Carece?

**MACUNAÍMA.** Ô! É fome é fome.

**CURRUPIRA.** Pois então tá.

*Currupira põe o pedaço da perna num espeto e leva ao fogo para assar.*

**MACUNAÍMA.** Já está bom, meu avô.

**CURRUPIRA.** Está mais para cru.

**MACUNAÍMA.** Já resolve.

**CURRUPIRA.** De vera?

**MACUNAÍMA.** Ô! É fome é fome.

*Macunaíma recebe a carne e os dois se põem a conversar enquanto o piá come.*

**MACUNAÍMA.** Meu avô vai caçar o quê?

**CURRUPIRA.** Caça rara.

**MACUNAÍMA.** Aqui por perto?

**CURRUPIRA.** Pertinho demais de conta. Bem dizer aqui do lado.

**MACUNAÍMA.** É anta?

**CURRUPIRA.** Anta, não.

**MACUNAÍMA.** Guariba?

**CURRUPIRA.** Guariba, não.

**MACUNAÍMA.** Veado?

**CURRUPIRA.** Veado, não.

**MACUNAÍMA.** Paca, tatu, cotia?

**CURRUPIRA.** Paca, tatu, cotia, não.

**MACUNAÍMA.** *(já desconfiado)* E é o quê?

**CURRUPIRA.** Um piá tapanhumas, perguntador.

**MACUNAÍMA.** *(engulindo seco)* Então será mesmo?

**CURRUPIRA.** Garanto.

**MACUNAÍMA.** Mesmo eu magrinho desse jeito?

**CURRUPIRA.** Ô! É fome é fome.

**MACUNAÍMA.** Ora pois...

**CURRUPIRA.** É o que digo.



**MACUNAÍMA.** Mas espie só. Eu aqui matutando, acho que vô não me caça não.

**CURRUPIRA.** Modos que?

**MACUNAÍMA.** Modos que eu corro ligeiro feito corisco. Meu vô assim já velho não me pega.

**CURRUPIRA.** Mas por isso não, que não vou lhe caçar de a pés.

**MACUNAÍMA.** E não?

**CURRUPIRA.** Qual nada.

**MACUNAÍMA.** Vai como?

**CURRUPIRA.** Montado num veado mateiro ligeiro como ele só, que é minha montaria. Piá corre mais que ele não.

**MACUNAÍMA.** Ora pois.

**CURRUPIRA.** É o que digo.

**MACUNAÍMA.** *(pausa)* Mas espie só. Eu aqui matutando, acho que assim mesmo meu vô não me caça.

**CURRUPIRA.** Modos que então?

**MACUNAÍMA.** Modos que mesmo vô montado no veadinho ligeiro, eu sou pequeno. Me escondo que vô nunca que não me acha.

**CURRUPIRA.** Ih! Isso eu resolvo fácil.

**MACUNAÍMA.** Será mesmo?

**CURRUPIRA.** Lhe digo: essa carne que lhe dei é treinada, onde meu neto for, eu chamando ela secunda.

**MACUNAÍMA.** Ara que nessa não caio não. Vá mentir na praia!

**CURRUPIRA.** Carne de minha perna!

*Como que saída do ventre de Macunaíma, uma voz responde: “Que foi?”*

**MACUNAÍMA.** Eita...

**CURRUPIRA.** Carne de minha perna!

*A voz: “Que foi?”*

**CURRUPIRA.** *(divertindo-se)* De novo, lá vai: Carne de minha perna!

*Outra vez a voz: “Que foi?”*

**CURRUPIRA.** Agora me diga se meu neto não está no papo?

**MACUNAÍMA.** Acho que.

**CURRUPIRA.** Pois fique aí descansando. Fogo aumenta já.

**MACUNAÍMA.** *(após uma pausa)* E isso em vossa boca, meu vô?

**CURRUPIRA.** O quê?

**MACUNAÍMA.** *(espionando na boca do Currupira)* Não sei, mas é verde.

*O Currupira apalpa o oco da boca, tentando localizar a tal coisa verde.*

**CURRUPIRA.** Verde?

**MACUNAÍMA.** Um hum.

**CURRUPIRA.** E como é?

**MACUNAÍMA.** Verdolenga, não já disse?

*Outra vez, o Currupira apalpa o oco da boca.*

**CURRUPIRA.** Não achei.

**MACUNAÍMA.** Pois diga “a” que lhe mostro.

*No que o Currupira diz “a”, Macunaíma toma-lhe a faca e arranca-lhe a língua.*

**MACUNAÍMA.** Juque!

*O Currupira urra de dor.*

**MACUNAÍMA.** Diz agora, meu vô, como que chama pela carne se não tem mais língua?

*Macunaíma come a língua e foge. O Currupira corre atrás do herói mas, sangrando pela boca, não consegue ir muito longe.*

**MACUNAÍMA.** *(já longe)* Bebe água, pinto!

#### **Cena 4**

*Em sua toca, a Cotia cozinha macaxeira, distraída, enquanto canta:*

**COTIA.** Acuti pitá canhém...  
Acuti pitá canhém...

*Nisso se aproxima Macunaíma, sorrateiro, espreitando-a sem ser notado. Quando está bem perto, grita:*

**MACUNAÍMA.** A bênção, minha madrinha, me dá pão com farinha!

*A Cotia dá um grito de susto.*

**MACUNAÍMA.** Lhe assustei, minha vó, foi?

*A Cotia não consegue sequer responder, ainda em choque.*

**MACUNAÍMA.** Tem que prestar mais atenção, viu? Botar reparo. Fosse uma cobra, heim? Lhe mordida! Fosse um ladrão? Lhe roubava! Plantou macaxeira nasceu maniva, de ladrão de casa ninguém se priva...

*Aos poucos a Cotia começa a se recobrar do susto.*

**MACUNAÍMA.** Não diz nada não, minha vó?

**COTIA.** Arre nego, cramunhãozim!

*A Cotia acerta Macunaíma várias vezes na cabeça com a colher de pau que usava no cozimento da macaxeira.*

**MACUNAÍMA.** Ai, minha vó! Ai, vovozinha! Ai, que dói!

**COTIA.** Quase que boto bofe pela boca, culumi-capeta, qual!

*Continuam as colheradas.*

**MACUNAÍMA.** Ai, minha vó! Já chega!

**COTIA.** Tome mais essa!

*Acaba a sova. A Cotia volta a cuidar da panela.*

**MACUNAÍMA.** *(se recuperando das colheradas)* Ai, que preguiça...

*Macunaíma se aproxima e fica por ali, espreitando.*

**COTIA.** Não me olhe de lado que não sou melado.

**MACUNAÍMA.** Minha avó, me diga uma coisa...

**COTIA.** Filho de gambá é raposa.

**MACUNAÍMA.** Não é isso não, gentes!

**COTIA.** Então que é?

**MACUNAÍMA.** Fome muita. Madrinha me arranja decumê sim? Qualquer um isso já diverte. Nem que só mesmo um poucadinho.

**COTIA.** Peça no vizinho.

**MACUNAÍMA.** Lá não pode não, madrinha, que já são doze à mesa, comigo fazia treze. Dê cá um bocadinho de macaxeira, dê.

**COTIA.** Sim.

*A Cotia dá macaxeira a Macunaíma, ele come.*

**COTIA.** Boa?

**MACUNAÍMA.** Ih! Larilará!

**COTIA.** Que que vosmecê anda fazendo na caatinga, meu neto?

**MACUNAÍMA.** Passeando.

**COTIA.** Ah, o que!

**MACUNAÍMA.** Passeando, então.

**COTIA.** Deixe de cozinhar galo, capiroto! Conta logo que foi.

**MACUNAÍMA.** Conto o quê! Quem conta história de dia cria rabo de cotia.

**COTIA.** *(ameaçando com a colher de pau)* Falando mal do meu rabo, é?

**MACUNAÍMA.** Não, minha vó, qual! Só modo de dizer.

**COTIA.** Pois desembucha de vez.

**MACUNAÍMA.** Pois bem, lá vai: Primeiro foi Mãe que me deixou perdido no Cafundó do Judas, meio mundo depois donde o dito perdeu a bota. Castigo pra eu nunca mais não brincar com cunhada não. Vai, lá pra trás encontrei Currupira. Quase que o bichão me janta, minha vó, quase que. Mas deixe que embromei o tinhoso, cortei língua dele, comi. *(gargalha, lembrando de tudo)* Agora estou no rumo de minha querência, de volta pra minha maloca na beira do Uraricoera.

**COTIA.** *(após refletir um pouco)* Culumi faz isso não, meu neto. Culumi faz isso não. *(se aproximando da panela)* Vou mas é lhe igualar o corpo com o bestunto.

**MACUNAÍMA.** *(alerta)* Vai o quê?

**COTIA.** Acuti pitá canhém!

*A Cotia joga a água da panela de macaxeira em Macunaíma. Ele se esquiva.*

**MACUNAÍMA.** Juque!

*A água só pega no corpo do herói.*

**MACUNAÍMA.** Ôpa, minha vó! Maluqueceu?

**COTIA.** Meu neto é mais culumi não. Lavagem vai só lhe igualar o corpo com o bestunto, já disse.

*Macunaíma começa a sentir o corpo tremer.*

**MACUNAÍMA.** Ai minha vó! *(a tremedeira aumenta)* Aiaiai... *(treme ainda mais)* Faz parar, minha vó! Faz parar senão entrevo!

**COTIA.** Ô tanta bulha, menino-home! Já que pára.

*A tremedeira de Macunaíma atinge seu ápice.*

**COTIA.** Acuti pitá canhém!

*Macunaíma dá um grande espirro e cai no chão, inerte. A Cotia ri muito.*

**COTIA.** Anda, desgrama, levanta! Vosso corpo agora é mocetudo. Corpo de home-já. Culumi você não era, qual! Culumi faz assim não!

*Macunaíma vai se levantando aos poucos. Experimenta então o novo corpo, feliz. Pula, corre, de um lado para outro, sem se conter.*

**MACUNAÍMA.** Eita, vó, que agora deu! Ói só!

*Macunaíma levanta a Cotia nos braços e rodopia com ela. A Cotia se diverte com a situação e ri muito.*

**MACUNAÍMA.** Corpo de home-já!

*Estão os dois assim: Macunaíma rodopiando com a Cotia, os dois rindo. De súbito, um pensamento faz Macunaíma parar e ele deixa a Cotia cair no chão.*

**COTIA.** Ai!

**MACUNAÍMA.** *(apalpa o rosto)* E a cara, minha vó? Ficou de piá mesmo, foi?

**COTIA.** Quem que mandou se afastar na hora do banho, menino-home? Agora pronto. Lavagem só mocetou o corpo.

**MACUNAÍMA.** (*examinando a panela*) E não ficou um isso que fosse pra mocetar o resto?

**COTIA.** Nadica de nada, seu nhonhô moço... Sinto muito, mas chorar não posso. Tarde piaste.

**MACUNAÍMA.** E agora?

**COTIA.** Agora volte pra casa: passe pela frente daquele pau, quebre a mão esquerda, vira e volta por baixo dos meus uaiariquinizês... Meu neto agora é home-já.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

### **Cena 5**

*Mãe, Jiguê e Iriqui estão entregues aos afazeres da maloca.*

**MACUNAÍMA.** (*fora de cena, se aproximando*) Mãe! Mano Jiguê! Iriqui! Repara quem que chega!

**JIGUÊ.** Mãe não disse que ele estava no Cafundó do Judas?

**MÃE.** Pois foi lá que deixei.

**MACUNAÍMA.** (*entrando em cena*) Olha eu, mãe!

**MÃE.** Arrengo, coraçãozinho dos outros! Que que houve?

**MACUNAÍMA.** Por que, mãe?

**MÃE.** Está esticado de corpo, talequal homem-já. Como que botou corpo do dia pra noite, me diga?

**MACUNAÍMA.** Foi a Cotia catimbozeira, mãe. Cotia me mocetou.

**JIGUÊ.** E por que não mocetou a cara também? (*fazendo troça*) Muito bonito. Corpo mocetou, mas e a cara? Como é, mano, ficar feito assombração: corpo de homem, cara de piá?

**MACUNAÍMA.** Melhor que ser corno, mano.

**JIGUÊ.** (*fica sério de repente e avança para o irmão*) Já que te ajeito, desgraça!

*Macunaíma se esconde atrás da mãe.*

**MACUNAÍMA.** Acuda, mãe!

**MÃE.** *(detém Jiguê e continua o interrogatório com Macunaíma)* Mas me diga, meus cuidados, como que você voltou?

**MACUNAÍMA.** Ih, é tanta história, mãe... Depois lhe conto, viu? *(olhando em volta)* Que é que tem mais por aqui?

**MÃE.** É mais a fome.

**MACUNAÍMA.** Pois lá no Cafundó comi que fartei.

**JIGUÊ.** De vera?

**MACUNAÍMA.** Ora, pois.

**JIGUÊ.** *(falando reservadamente à Mãe)* Curumim faz isso não.

**MACUNAÍMA.** Já estão de conversê! Falando mal de mim, é?

**JIGUÊ.** É não, mano. Só prosa tola.

**MACUNAÍMA.** Pois mano me deixa também prosear um bocadinho com Iriqui, mano deixa?

**JIGUÊ.** Deixo lá o quê! Com conversa de cantar no ouvido de linda Iriqui, fizeram foi muita brincadeira e festinha. Brincaram de mordida de quenquém, de esfregar com urucum para pintar o distintivo, de todo jeito brincaram.

**MACUNAÍMA.** Eu gostei.

**JIGUÊ.** Calado, piá!

**MACUNAÍMA.** Pergunta se Iriqui não gostou, mano.

*Risonha, Iriqui faz que sim com a cabeça e toma um sopapo de Jiguê.*

**JIGUÊ.** Acabou-se a prosa! *(após uma pausa)* Será que da anta gorda que nem parida não ficou nada, mãe?

**MÃE.** Ficou osso.

**JIGUÊ.** Osso não queria, não. Gosto mais de carne da pá, que não é boa nem má.

**MACUNAÍMA.** De carne da pá quem não há de gostar. E por que foi que só me deu tripa, heim, Jiguê?

**JIGUÊ.** Castigo, meus cuidados, para nunca não mexer mais com cunhada.

**MACUNAÍMA.** Outra coisa não, mas castigo pra mim não falta... Mãe quase me mata no liso do Cafundó.

**JIGUÊ.** *(após uma pausa, para a mãe)* Será se raspando o osso não se encontrará nada?

**MÃE.** Mais osso.

**JIGUÊ.** *(após uma pausa)* Ora, pois. Devagarzinho, fome aperta que aperta. *(para Macunaíma)* Piá nunca mais encontrou nada? Fosse pacova, milho, macaxeira, aluá, cachiri, mapará, camorim pescado, maracujá-michira, ata, bio, sapota, sapoti, sapotilha, paçoca de veado, carne fresca de cutiara...

**MACUNAÍMA.** Carne fresca de cutiara encontrei não.

**JIGUÊ.** E o resto?

**MACUNAÍMA.** Qual era mesmo o resto?

**JIGUÊ.** Pacova, milho, macaxeira, aluá, cachiri, mapará, camorim pescado, maracujá-michira, ata, bio, sapota, sapoti, sapotilha, paçoca de veado...

**MACUNAÍMA.** Nada disso também não vi.

*Iriqui não se contém e ri de Jiguê. Jiguê avança em direção a Iriqui, com intenção de castigá-la, mas muda de idéia e, de posse de uma corda, dá uma sova em Macunaíma.*

**MACUNAÍMA.** *(apanhando)* Ai, que eu morro, mano Jiguê! Ai, que eu morro!

**JIGUÊ.** Está doendo, mano?

**MACUNAÍMA.** Dói que coça!

**JIGUÊ.** Pois quando corda de curauá bate em mim até gosto.

**MACUNAÍMA.** *(apanhando)* Me acuda, mãe! Quero mais castigo não!

**MÃE.** Mano Jiguê está com a razão.

*Acaba a sova.*

**MACUNAÍMA.** Mãe só dá razão a Jiguê.

**MÃE.** Se dê descanso, coraçãozinho dos outros.

**MACUNAÍMA.** Melhor descansar, né mãe?



**MÃE.** Melhor.

**MACUNAÍMA.** Se eu fosse a senhora é que eu não descansava.

**MÃE.** Por que isso agora, piá?

**MACUNAÍMA.** Sonho que tive no Cafundó do Judas, só sonho.

**MÃE.** Sonho? Se foi com necessidade, mole ou dura, é dinheiro. Já sonho com queda de trepado alto é que piá está crescendo, ficando grande e mucudo.

**MACUNAÍMA.** Era disso não.

**MÃE.** Era o quê?

**MACUNAÍMA.** Sonhei que caiu meu dente.

**MÃE.** *(após uma pausa)* Tem certeza, piá?

**MACUNAÍMA.** *(confirma)* Um hum.

**JIGUÊ.** *(após uma pausa)* Sonho que cai o dente é o quê, mãe?

**MÃE.** Sonho com dente é morte de parente.

**MACUNAÍMA.** Vai ver é castigo. A senhora há de morrer antes de passar essa Sol. Assim mesmo, só porque me pariu.

**MÃE.** Então vou me banhar, para quando chegar a hora.

*Sai a Mãe.*

**JIGUÊ.** Foi esse mesmo seu sonho, meus cuidados? Ou é só mentira, só lorota boa?

**MACUNAÍMA.** Sonho mesmo, de vera. *(pausa)* Sonhei também com Jiguê.

**JIGUÊ.** Que foi?

**MACUNAÍMA.** Jiguê saía promode caçar e Currupira, montado em seu veado mateiro, que lhe serve de montaria, pegava Jiguê, cortava fora os dois toaliquçu e dava para cachorro Papamel comer.

**JIGUÊ.** Foi esse mesmo seu sonho, meus cuidados? Ou é só mentira, só lorota boa?

**MACUNAÍMA.** Esse que é mesmo verdade!

**JIGUÊ.** Danou-se... *(após uma pausa)* E não tem jeito?

**MACUNAÍMA.** Diz que para sarar de Currupira tem que apertar brasa de fogueira na mão e dizer uma oração.

**JIGUÊ.** Meus cuidados saberia que oração é essa?

**MACUNAÍMA.** Sei.

**JIGUÊ.** Aprendeu onde?

**MACUNAÍMA.** No Cafundó do Judas, ora pois.

**JIGUÊ.** Com quem?

**MACUNAÍMA.** Com a Cotia catimbozeira. Quer ou não quer oração?

**JIGUÊ.** Quero. Quero sim.

**MACUNAÍMA.** Só vai com brasa na mão.

**JIGUÊ.** Tem certeza?

**MACUNAÍMA.** Ora se cisca.

**JIGUÊ.** Pois se é o jeito...

*Jiguê vai até os restos da fogueira e tenta juntar coragem para segurar a brasa.*

**JIGUÊ.** Outro jeito não tem?

**MACUNAÍMA.** Para Currupira, não.

*Jiguê toma coragem e aperta uma brasa na mão.*

**JIGUÊ.** *(em dor)* Diz logo a oração, meus cuidados!

**MACUNAÍMA.** Diga primeiro se está doendo.

**JIGUÊ.** Doendo demais da conta! Ande logo!

**MACUNAÍMA.** Pois quando brasa me queima acho até agradável!

*Jiguê percebe que foi enganado, larga a brasa, tem intenção de bater em Macunaíma, mas a dor o impede. Fica no chão, onde tenta se recuperar. Iriqui e Macunaíma se divertem muito com a situação.*

**JIGUÊ.** Depois mano Jiguê vai bater bem em Macunaíma, para meus cuidados aprender a tomar tento.

**MACUNAÍMA.** Bata não, mano Jiguê.

**JIGUÊ.** Bato sim, mano. Bato sim, qual!

**MACUNAÍMA.** E se eu arranjar decumê, raiva passa?

**JIGUÊ.** Já quer me enganar de novo, meus cuidados?

**MACUNAÍMA.** De vera, mano. Estou para caçar uma veada. Essa nem vou dizer que é gorda que nem parida, é parida mesmo.

**JIGUÊ.** Veada parida com tanta enchente? Acredito não.

**MACUNAÍMA.** Nem vendo?

**JIGUÊ.** Se eu visse...

**MACUNAÍMA.** Pois espie que vem no rumo da maloca.

*Jiguê olha e enxerga a veada que se aproxima.*

**JIGUÊ.** Pega, mano! Pega, que eu desse jeito não posso!

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Vai, senão foge!

**MACUNAÍMA.** Pois se está vindo é para perto...

**JIGUÊ.** Anda, mano! Anda logo!

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Ligeiro, Iriqui. Ajuda Macunaíma.

**MACUNAÍMA.** Anda brincar, Iriqui!

**JIGUÊ.** Brincar, não, vai é matar a veada se não quer morrer de fome!

*Iriqui se aproxima de Macunaíma com uma sarabatana.*

**MACUNAÍMA.** Iriqui quer conversar porcaria?

**JIGUÊ.** Passa para cá, Iriqui! (*Iriqui entrega a Macunaíma a sarabatana se afasta, risonha*) E mata logo essa veada, mano, senão eu que corto seus toaliquiçu.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Anda!

**MACUNAÍMA.** *(mirando na veada que se aproxima)* Pois espera aí, danada, já que eu te pego!

**JIGUÊ.** Acerta, mano!

**MACUNAÍMA.** Lá vai...

**JIGUÊ.** Tá na mira?

**MACUNAÍMA.** Lá vai...

**JIGUÊ.** Agora!

*Macunaíma dispara e observa o resultado.*

**MACUNAÍMA.** Juque!

*Uma pausa.*

**JIGUÊ.** Acertou?

**MACUNAÍMA.** Parece, mano, mas ainda vem vindo...

*Entra na maloca a Mãe, ferida. Não diz nada, só procura um lugar para se encostar e morrer.*

**MACUNAÍMA.** Tá doendo, mãe? *(pausa)* Mãe? *(pausa)* Diga se dói muito... *(pausa longa)* Tá com preguiça de falar, né, mãe? *(pausa ainda mais longa)* Pensei que fosse uma veada, mãe. Pensei que fosse.

*Iriqui, percebendo que a sogra está morta, inicia um canto fúnebre que se estenderá por toda a cena.*

**MACUNAÍMA.** Chama ela, mano Jiguê. Você chamando ela secunda.

**JIGUÊ.** Mãe tá morta. Secunda mais não.

**MACUNAÍMA.** Fui eu, Jiguê? Eu que matei? *(pausa)* Fui eu não, né, Jiguê?

**JIGUÊ.** Isso é coisa de Currupira, que tanto roda como gira. Você enganou Currupira, mano. Currupira é pai da caça e agora lhe enganou.

*Auxiliando-se uns aos outros, dão seguimento ao funeral da mãe.*

**MACUNAÍMA.** E agora, mano Jiguê?

**JIGUÊ.** Acabada a festa da partida de nossa mãe para o céu, vamos embora. Macunaíma não é mais piá. Curumim faz isso não.

**MACUNAÍMA.** E para onde é que se vai?

**JIGUÊ.** Por esse mundo.

**MACUNAÍMA.** E Iriqui?

**JIGUÊ.** Fica. Pra se um dia a gente voltar.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

### **Cena 6**

*Perdidos na floresta, cansados e castigados pela sede e pela Sol, Jiguê e Macunaíma param para descansar.*

**MACUNAÍMA.** Está longe, mano?

**JIGUÊ.** Tanto longe como perto. Coisa de quem vai sem rumo, gauderindo de déu em déu.

**MACUNAÍMA.** Vai ver então já chegou.

**JIGUÊ.** Ainda não.

**MACUNAÍMA.** Como é que sabe?

**JIGUÊ.** De algum jeito saberia. Aqui não tem cara de ser canto nenhum, tem?

**MACUNAÍMA.** Por aqui é meio sem graça, mano, muito sem lagoa, sem igapó... Não está com sede?

**JIGUÊ.** Ô! É sede é sede.

**MACUNAÍMA.** E faz o quê?

**JIGUÊ.** Compra feito.

**MACUNAÍMA.** E essa Sol, Jiguê?

**JIGUÊ.** Que foi?

**MACUNAÍMA.** Estará com raiva de nós?

**JIGUÊ.** Não sei, mano, de você tanta gente tem raiva... Desde gente formiga saúva até gente pai grande, feito Currupira. Eu mesmo, meus cuidados, vez por outra estou danadinho de raiva de você.

*Com um gesto, Macunaíma faz calar Jiguê. Os irmãos passam a falar sussurrando.*

**MACUNAÍMA.** Tem coisa.

**JIGUÊ.** O quê?

**MACUNAÍMA.** A Sol está querendo me enganar.

**JIGUÊ.** Será?

**MACUNAÍMA.** Já é certo.

**JIGUÊ.** Conta que foi.

**MACUNAÍMA.** A Sol está fervendo meus olhos, para mim ver ali debaixo uma cunhã dormindo.

*Macunaíma indica Ci, que dorme de bruço a alguma distância.*

**JIGUÊ.** Então a Sol está querendo enganar nós dois, mano. Também estou vendo a cunhã.

*Os dois se aproximam cautelosos de Ci, para que ela não acorde.*

**MACUNAÍMA.** (*farejando Ci*) Eita, como ela cheira... Será boa de brincadeira?

*Ci vira-se, ainda dormindo, deixando à vista um peito seco. Os dois irmãos se entreolham.*

**JIGUÊ.** Essa aí você esqueça, mano!

**MACUNAÍMA.** Por que?

**JIGUÊ.** Não está vendo o peito seco?

**MACUNAÍMA.** Ora se isso lá é nada. Aquele ali está mirrado, mas com o outro dará para inventar tanta festinha...

**JIGUÊ.** Bote tento, mano, isso é uma icamiaba, amazona guerreira. Peito seco é para melhor flechar.

**MACUNAÍMA.** Então é das boas.

**JIGUÊ.** Não é não, mano. Não é. Cunhã dessa raça só quer homem para esfolar vivo.

**MACUNAÍMA.** Cunhã de briga?

**JIGUÊ.** De briga muita! Maldição de ser só.

**MACUNAÍMA.** (*aproximando-se*) É dessa que me agrado. Hoje quebro feitiço dela.

**JIGUÊ.** (*detendo Macunaíma*) Meus cuidados, meus cuidados! Vai lá e a volta é cruel. Pelo jeito essa aí é chefe. Capaz de ser Ci, Mãe do Mato, a pior de todas.

**MACUNAÍMA.** Então o mato não quererá um pai?

**JIGUÊ.** Uma coisa lhe digo: se Macunaíma arranjar briga, mano Jiguê não ajuda!

**MACUNAÍMA.** Pois fique só espiando, Jiguê, que dessa aí eu tomo conta! (*parte para o ataque*) Acorda pro brinquedo, danada!

*Macunaíma joga-se em cima de Ci. Ela desperta, assustada, e com um golpe lança Macunaíma longe.*

**MACUNAÍMA.** Está querendo briga, né, marvada? Pois encontrou!

*Macunaíma ataca outra vez e, mais uma vez, é arremessado.*

**JIGUÊ.** Eu disse, mano, não disse?

**MACUNAÍMA.** Espera aí, Jiguê, que dessa ela não passa! Já está até se oferecendo pro furrum fum fum. Quer ver? (*ataca*) Juke!

*Dessa vez Ci não o arremessa longe, domina-o, segurando-o.*

**MACUNAÍMA.** Não disse que ela gostava?

*Ci começa a surrar violentamente o herói, que não consegue escapar.*

**JIGUÊ.** Está gostando também, mano?

**MACUNAÍMA.** (*aflito*) Me acuda! Me acuda, Jiguê!

**JIGUÊ.** Acudo não, meus cuidados. Não lhe avisei antes? Avise sim. Pois agora aguenta.

*Macunaíma apanha sob o olhar de Jiguê. Ci bate incansavelmente.*

**MACUNAÍMA.** (*desfalecendo*) Me acuda! Me acuda, Jiguê! Me acuda senão eu mato essa cunhã! Me acuda, Jiguê, meu mano! Senão eu juro que mato.

*Jiguê, apiedando-se do irmão, aproxima-se por trás e, quando Macunaíma já não consegue sequer falar, acerta uma porretada na cabeça de Ci, que desfalece.*

**JIGUÊ.** *(arrastando o que sobrou de Macunaíma)* Isso é para aprender dar ouvido aos conselhos de vosso mano. Agora vamos em frente, que atrás vem gente. Vamos jogar no veado mato afora.

**MACUNAÍMA.** *(recuperando-se da sova e soltando-se de Jiguê)* Jacaré vai, mano? Nem eu!

**JIGUÊ.** Quer morrer, quer?

**MACUNAÍMA.** Quero é meu brinquedo, ué! Essa marvada gosta de mim. Não viu o jeito dela comigo?

**JIGUÊ.** Ficou lelêú?

**MACUNAÍMA.** Não, mas estou quase! Prova aqui, cunhã valente!

*Macunaíma joga-se sobre Ci, desfalecida, e inicia a brincadeira. Aos poucos, Ci vai se recuperando, despertando e envolvendo-se com Macunaíma. Brincam de muitos jeitos, primeiro confusos, depois rindo e por fim, Ci já domina a situação e movida pelo êxtase da brincadeira, em estado de graça, canta enquanto brinca, já liberta da maldição de ser só, acompanhada pelo piar de milhares de pássaros.*

**MACUNAÍMA.** Não disse, Jiguê? Eu não disse?

## **Cena 7**

*Choro de bebê. Jiguê tenta inutilmente acalantar o filho de Macunaíma com Ci, enquanto o casal brinca numa rede. Há um sincero esforço por parte de Jiguê para acalmar o garoto. Ele o embala, cantarola, passeia, mas o menino não dá trégua: às vezes chora mais forte, às vezes mais fraco, às vezes pára por alguns instantes, mas logo volta a chorar. Da rede vêm as vozes de Macunaíma e Ci, entremeadas por risos.*

**MACUNAÍMA.** Ai, mãezinha! *(pausa)* Ai, mãezinha! *(pausa)* Ai, mãezinha, com a txara não que espeta! Faz isso não, oferecida.

**CI.** Faça!

**MACUNAÍMA.** Ai! *(pausa)* Puxa como você cheira, benzinho! *(pausa)* Ai, danada, arra! Depois te espeto, você reclama... Ai!

**CI.** Tá gostando, herói?

**MACUNAÍMA.** Vida feliz, que é bom!

**CI.** Anda brincar, anda.

**MACUNAÍMA.** Deixa nós dormir, seu bem. Você não estava doente?

**CI.** Olha que eu guardei.



**MACUNAÍMA.** Carece disso não, faceira, qual!

**CI.** Afasta que eu passo.

**MACUNAÍMA.** Urtiga? Está doida?

**JIGUÊ.** Ô, mano!

**CI.** Só um talinho.

**JIGUÊ.** Ô, mano!

**MACUNAÍMA.** Urtiga não, que me acaba!

**JIGUÊ.** Ô, mano!

*Macunaíma é então visto com parte do corpo para fora da rede, está paramentado como Imperador das Icamiabas.*

**MACUNAÍMA.** Jiguê, não já disse que deixe dessa história de “mano”? Ci quer lhe ouvir dizer “imperador”.

**JIGUÊ.** Eita, besteira.

*Agora é Ci que é vista da rede, erguendo sua txara de três pontas.*

**CI.** Como foi, Jiguê?

**JIGUÊ.** Bem certa, sua vontade. Bem certa. *(para Macunaíma)* Imperador meu mano não poderá vir aqui?

**MACUNAÍMA.** Para quê seria?

**JIGUÊ.** Para olhar Pecurrucho, que chora de não dar trégua.

**MACUNAÍMA.** Vou depois. Mãezinha está doente.

**JIGUÊ.** *(consigo)* Para cima de mim?

*Outra vez Ci é vista da rede, erguendo sua txara de três pontas.*

**CI.** Disse o quê, Jiguê?

**JIGUÊ.** “Doente sim”, eu disse. “Doente sim”.

*O casal volta à brincadeira. Jiguê continua embalando Pecurrucho.*

**MACUNAÍMA.** Ai, danada! Urtiga, não!

**CI.** É pouca, espie só.

**MACUNAÍMA.** E você não vai guerrear?

**CI.** Doente assim? Vou lá o quê! Mostra o chuí.

**MACUNAÍMA.** Tá aqui!

**CI.** Pois tome!

**MACUNAÍMA.** Ai, foi urtiga muita!

**CI.** Te enganei, safado!

**MACUNAÍMA.** Pois tome também!

**CI.** Ai, a nalachitchí, que me acabo!

**MACUNAÍMA.** Furrum fum fum!

**CI.** Furrum fum fum!

*Risos e brincadeiras na rede.*

**JIGUÊ.** Imperador meu mano, ande aqui... (*pausa*) Imperador meu mano!

**MACUNAÍMA.** (*interrompendo outra vez a brincadeira*) Que foi, Jiguê? Ci está queimando em febre.

**JIGUÊ.** Pecurrucho não cala. Não tem quem faça. Vai ver também está doente.

**MACUNAÍMA.** Será?

**JIGUÊ.** Lhe digo.

**MACUNAÍMA.** Espere então que já vou.

*Meio a contragosto, Macunaíma sai da rede.*

**CI.** Pois, meus pecados, você não continua?

**MACUNAÍMA.** O quê?

**CI.** Você está brincando, vai e pára no meio?

**MACUNAÍMA.** Descanse um pouco, seu bem. Já que eu volto.

*Macunaíma, agora que se afasta de Ci, nota algo estranho em seu peito.*

**MACUNAÍMA.** Eita!

**CI.** Que foi?

**MACUNAÍMA.** Isso aqui no peito seu.

**JIGUÊ.** Anda, mano!

**CI.** Isso o quê?

**MACUNAÍMA.** Essa marca.

**CI.** Nada não há de ser.

**JIGUÊ.** Anda, mano!

**MACUNAÍMA.** *(para Ci)* Fique na rede. Depois se conversa.

**CI.** Volte logo para me cuidar.

**MACUNAÍMA.** Volto já, seu bem, vou ver Pecurrucho.

**CI.** Meus dois filhotes...

**JIGUÊ.** Anda mano!

**MACUNAÍMA.** Pronto, Jiguê, cheguei! Ô sangria desatada!

**JIGUÊ.** *(indicando o bebê)* Olha ele.

**MACUNAÍMA.** Cadê?

**JIGUÊ.** *(mostra Pecurrucho)* Chora que chora.

**MACUNAÍMA.** *(batendo na cabeça do filho)* Meu filho cresce depressa para você ir pra cidade grande ganhar muito dinheiro!

*Pecurrucho passa a chorar desesperadamente com as tapas que levou na cabeça. Macunaíma se diverte.*

**JIGUÊ.** Maluqueceu, mano? Cabeça de Pecurrucho é chata de tanto que você bate!

**MACUNAÍMA.** Dá ele aqui, Jiguê.

*Macunaíma toma o filho nos braços e inicia uma canção de ninar. Enquanto canta, adormece o bebê em seus braços, adormece Ci, na rede, adormece Jiguê.*

**MACUNAÍMA.** *(aproximando-se do irmão, fala baixo para que o bebê não acorde)* Jiguê... Ô, Jiguê!

**JIGUÊ.** *(despertando)* Ahn...

**MACUNAÍMA.** Pecurrucho dormiu.

**JIGUÊ.** E eu não?

**MACUNAÍMA.** Pega ele aqui.

*Jiguê toma nos braços o bebê adormecido.*

**MACUNAÍMA.** *(velando Ci)* Ci está doente.

**JIGUÊ.** *(vai até Ci e constata)* É febre é febre. Como é que desse jeito ainda brinca tanto?

**MACUNAÍMA.** Ah, mano! Amor primeiro não tem companheiro.

**JIGUÊ.** Pecurrucho também está quente.

**MACUNAÍMA.** Que terá sido, Jiguê?

**JIGUÊ.** Boa coisa não será. Não viu ontem jucurutu piando trepado na maloca?

**MACUNAÍMA.** Se vi.

**JIGUÊ.** Pois então? Não é agouro?

**MACUNAÍMA.** Lá isso é.

**JIGUÊ.** *(indicando o bebê)* Mas agora que ele dormiu tudo se acalma. Olhe só.

*Macunaíma aproxima-se para ver o bebê e torna a lhe estapear a cabeça.*

**MACUNAÍMA.** Meu filho cresce depressa para você ir pra cidade grande ganhar muito dinheiro!

*Outra vez o bebê passa a chorar desesperado.*

**JIGUÊ.** Tá doido, mano?

**MACUNAÍMA.** É brincadeira, moço!

**JIGUÊ.** Tão bom que estava.

**MACUNAÍMA.** Já já ele descansa.

**JIGUÊ.** *(entregando o bebê a Macunaíma)* Pois quem pariu que balance!

*Outra vez Macunaíma acalenta Pecurrucho, para ele parece fácil.*

**JIGUÊ.** Meus cuidados, às vezes eu não lhe entendo.

**MACUNAÍMA.** Pois se não carece...

*Restabelecida a paz, Jiguê vai à rede de Ci.*

**JIGUÊ.** Eita, mano!

**MACUNAÍMA.** O quê?

**JIGUÊ.** Isso no peito de Ci.

**MACUNAÍMA.** Não será nada, Jiguê. Mãezinha mesmo que disse.

**JIGUÊ.** Isso é dente de boiúna, cobra preta chupa leite.

**MACUNAÍMA.** Nada não será.

**JIGUÊ.** Ci aleitou com o peito assim?

**MACUNAÍMA.** E você por acaso emoçou alguma icamiaba pra servir de nossa ama?

**JIGUÊ.** Tentei, mano.

**MACUNAÍMA.** Pois sim.

**JIGUÊ.** Lhe digo!

**MACUNAÍMA.** Vá ver se acredito.

**JIGUÊ.** *(após uma pausa)* Essa história me deu foi medo.

**MACUNAÍMA.** Ara, Jiguê, não será nada! Não ouviu mãezinha? Repare aqui Pecurrucho, tranqüilo como ele só. Dorme que nem se bole.

*Jiguê se aproxima para observar o sobrinho.*

**MACUNAÍMA.** *(embalando o bebê)* Vida feliz, que é bom.

*Algo se transforma no semblante de Jiguê. Ele examina a criança.*

**JIGUÊ.** Eita, mano!

**MACUNAÍMA.** O quê?

**JIGUÊ.** Pecurrucho.

**MACUNAÍMA.** Ô, tanta conversa, mano! Não está vendo ele dormir?

**JIGUÊ.** Está mas é morto, mano. Pecurrucho morreu.

*Macunaíma, por um tempo, age como se não fizesse nenhum sentido o que disse Jiguê, sempre embalando o filho, vai então até a rede de Ci e a desperta.*

**CI.** *(acordando)* Voltou, foi?

*Macunaíma não diz nada.*

**CI.** É Pecurrucho, aí com você? Dê ele pra mim.

*Macunaíma entrega o bebê. Ci constata o que aconteceu. Longo, longo silêncio.*

**MACUNAÍMA.** Não será nada, mãezinha.

*A dor de Ci toma forma: ela grita enquanto aperta o bebê contra o corpo.*

**MACUNAÍMA.** Se acalme, mãezinha, nada não será.

*Gritos e mais gritos de Ci.*

**MACUNAÍMA.** Fui eu? Fui eu, Jiguê?

*Macunaíma, na ânsia de poder fazer algo, abraça mulher e filho, mas Ci não parece sequer perceber.*

**MACUNAÍMA.** Fui eu não. Fui?

*Macunaíma começa a entoar sua canção de ninar capaz de adormecer toda natureza, mas só a muito custo consegue fazer com que Ci interrompa seus gritos. A Mãe do Mato está agora impassível, numa espécie de transe.*

**MACUNAÍMA.** *(baixinho, para Ci)* Se acalme, viu? Se acalme.

*Jiguê vai até Ci e tira-lhe o filho morto com cuidado.*

**JIGUÊ.** Pecurrucho há de ser enterrado numa igaçabazinha, formato de jabuti. Enterra no centro da taba, com muita dança, muito pajuari, que boitatá vem comer olho dele não.

*Em silêncio, Ci deixa a rede.*

**MACUNAÍMA.** Mãezinha vai para onde?

*Ci aproxima-se de Macunaíma, tira do próprio pescoço um colar com a pedra Muiraquitã, coloca-o no pescoço do herói e começa a se afastar.*

**MACUNAÍMA.** Mãezinha volta logo? (*pausa, como Ci não responde, ele volta a insistir*) Vai aonde?

**CI.** Pro céu.

**MACUNAÍMA.** (*tentando detê-la*) Não vá, não. Fique.

*Ci desvencilha-se e continua seu caminho.*

**MACUNAÍMA.** Fique.

*Ci não pára.*

**MACUNAÍMA.** Vai me deixar só?

*Ci hesita por um breve instante e vai embora, para o céu. Pausa muito longa.*

**JIGUÊ.** Mano?

**MACUNAÍMA.** Ai...

**JIGUÊ.** Ai que preguiça?

*Macunaíma beija a Muiraquitã.*

**MACUNAÍMA.** (*repetidamente, cada vez mais baixo, até o sussurro*) Ai... Ai... Ai...

## **Cena 8**

*Na floresta, próximo a uma cascata, Jiguê acalenta Macunaíma, catando-lhe os carrapatos e cantando.*

**JIGUÊ.** Acutipuru  
Empresta vosso sono  
Pra Macunaíma  
Que é muito manhoso...

Murucututu  
Assopra dormência  
Em Macunaíma  
Pra ele descansar...

Venha Ducucu  
Descansar os olhos  
De Macunaíma  
Que sofre de amor...

*Jiguê repara em Macunaíma, que parece dormir, e pára de nina-lo.*

**JIGUÊ.** *(consigo)* Pronto. Dormiu.

**MACUNAÍMA.** *(despertando)* Qual o quê, mano! Quem tem seus amores longe, passa trabalhos trianos!

**JIGUÊ.** Você tem que sossegar.

**MACUNAÍMA.** *(indicando o céu)* Está vendo ela? É a Beta do Centauro.

**JIGUÊ.** Tem muita nuvem, dá pra ver não.

**MACUNAÍMA.** Marvada.

**JIGUÊ.** Não pense mais, mano.

**MACUNAÍMA.** Ai, se eu pudesse e meu tutano desse.

**JIGUÊ.** Mais sofreu nosso tio Judas.

**MACUNAÍMA.** Isso lá é consolo?

**JIGUÊ.** Faz tempo que canto, lhe cato carrapato, e você não dorme.

**MACUNAÍMA.** *(apontado o céu)* Daqui a pouco ela brilha, a marvada.

**JIGUÊ.** Já disse que não aponte. Seu dedo está só verruga de tanto que aponta Ci.

**MACUNAÍMA.** Daqui a pouco ela aparece. É a Beta do Centauro.

**JIGUÊ.** Acabou-se a prosa, mano. Fique aqui. Vou campear cidreira pra você mascar. Assim você dorme.

**MACUNAÍMA.** Não vá não, Jiguê.

**JIGUÊ.** E tem outro jeito?

**MACUNAÍMA.** Pois então diga que volta.

**JIGUÊ.** Volto. Volto sim.

*Sai Jiguê.*

**MACUNAÍMA.** *(gritando para Ci, no céu)* Marvada, que você é! Tão longe no céu. Ainda lembra de mim, Ci? Mãezinha lembra de mim?

*Na falta de uma resposta, Macunaíma inicia uma canção triste.*

**MACUNAÍMA.** Rudá, Rudá!  
Tu, que secas as chuvas,



Faz com que os ventos do oceano  
Desembestem por minha terra  
Para que as nuvens vão-se embora  
E a minha marvada brilhe  
Limpinha e firme no céu!  
Faz com que amanssem  
Todas as águas dos rios  
Pra que eu me banhando neles  
Possa brincar com a marvada  
Refletida no espelho das águas

*O canto de Macunaíma faz despertar o choro de Naipi, a cascata. O herói estranha o pranto, pára de cantar. Naipi continua a canção.*

**NAIPI.** Rudá, Rudá!  
Mais triste é minha história  
Está perto quem mais amo  
E não o posso afagar  
Presa estou na cachoeira  
Contemplando meu amado  
Que agora tem raízes  
Rudá, nos liberte  
Descansando nossas almas  
Pra que nós nos abracemos  
E que nossa brincadeira  
Te engrandeça, deus do amor

*Naipi volta a chorar.*

**MACUNAÍMA.** Que é isso?

**NAIPI.** Chouriço!

**MACUNAÍMA.** Conta que é, cascata!

**NAIPI.** Cascata não sou. Não vê que chamo Naipi e sou filha do tuxáua Mexê Mexoitiqui, nome que em minha língua quer dizer Engatinha-Engatinha? Eu era uma boniteza de cunhatã e todos os tuxáuas vizinhos desejavam brincar em minha rede e provar meu corpo mais molengo que embiroçu. Porém quando vinha algum eu dava dentada e pontapé por amor de lhe experimentar a força. E todos não agüentavam e partiam sorumbáticos. Quando meu corpo chorou sangue pedindo força de homem para servir, a boiúna Capei, feiticeira que tem meu povo escravo, me escolheu para dormir em seu covão enfeitado de saúvas e dos esqueletos de outras cunhãs virgens. Tristura foi tanta que devorou até o silêncio e os ipês amarelos de beira-rio perderam todas as flores. Mas Titçatê, guerreiro de meu pai, ajuntou as flores e veio com elas pra minha rede em minha última noite livre. Mordi que mordeu Titçatê, sangue espirrou da munheca mas o moço fez caso não. Gemeu de raiva, me amando, encheu minha boca de flor, que não pude mais morder e pulou na minha rede. Servi Titçatê,

brincamos feito doidos entre as florzinhas de ipê amarelo e o sangue do guerreiro. Depois meu vencedor me jogou no ombro e flechou pro rio, fugindo da boiúna Capei. Quando a feiticeira achou a rede vazia e suja de sangue urrou de tanto ódio e deitou correndo em nossa busca. Dava para escutar o urro dela perto, cada vez mais pertinho. Quando Titçatê já não podia remar de tanto sangue perdido, a boiúna me prendeu. Viu que eu servira Titçatê e me virou nesta pedra. Titçatê é aquela planta lá embaixo, aquele mururê tão lindo que se enxerga, bracejando n'água pra mim. As flores roxas são os pingos de sangue da mordida, que meu frio de cascata regelou. Nessa pedra ficarei chorando até o fim do que não tem fim.

*A história de Naipi despertou em Macunaíma um sincero pranto de criança.*

**MACUNAÍMA.** Se... se... se a boboiúna aparecesse eu... eu matava ela!

*Nem bem pronuncia a última frase, ouve-se o urro de Capei, que se aproxima. Ouvindo-lhe, também grita Naipi. Macunaíma se assusta.*

**MACUNAÍMA.** Que foi?

**NAIPI.** É ela, boiúna Capei.

*Entra a feiticeira, boiúna Capei.*

**MACUNAÍMA.** Falou no diabo arrepare o rabo.

**CAPEI.** Disse que mata quem?

**MACUNAÍMA.** Eu disse?

**CAPEI.** Não queria me matar?

**MACUNAÍMA.** É mais o modo de dizer, dona, esse meu jeito.

**CAPEI.** *(para Naipi)* Andou falando com esse aí, foi? *(para Macunaíma)* O povo dela é escravo meu. Se nenhum fez nada, você ia fazer por que?

**MACUNAÍMA.** É esse meu jeito, não disse?

**CAPEI.** Seu jeito, pois sim. Bote reparo nisso. Devia de ter vergonha. Você não mata ninguém, gente fraca eu conheço pela piscada do olho. Olha pra mim!

*Macunaíma evita o olhar.*

**CAPEI.** Olha pra mim! Quem está mandando é Capei, boiúna feiticeira!

*Capei força Macunaíma, segurando-o pelo queixo. Quando o herói a olha ela cospe-lhe a cara.*

**CAPEI.** Achou ruim?

**MACUNAÍMA.** Ruim não digo, mas bom não foi.

**CAPEI.** Tem quem nasceu para mandar e quem nasceu para escravo.

*Capei dá um safanão em Macunaíma.*

**CAPEI.** Olha pra ele, Naipi! Aprende a ficar calada e a respeitar a vontade de uma feiticeira da minha marca! *(para Macunaíma)* Desistiu de me matar? *(pausa)* Fala! *(entrega uma faca a Macunaíma e o acoessa)* Pega isso aqui e me mata! Anda! *(pausa)* Você lá mata ninguém! Quando muito cutuca algum atoleimado feito você. Quero ver matar quem nasceu pra mandar. Anda!

*Macunaíma está acuado, de faca na mão, com pavor do desafio de Capei.*

**CAPEI.** *(batendo em Macunaíma)* Mata, porqueira! Não queria tanto me matar! Vergonha, que você é!

*Entra Jiguê.*

**JIGUÊ.** *(assustando-se com a situação)* Que é isso, mano?

**CAPEI.** *(para Jiguê)* De você eu cuido já!

**MACUNAÍMA.** É mano Jiguê, não lhe fez nada. Deixe ele.

**CAPEI.** *(acossando Macunaíma violentamente)* Quer me dar ordem, agora? Se eu não obedecer vai faz o quê? Fala! Faz o quê?

**MACUNAÍMA.** Faço juque!

*Macunaíma enfia a faca em Capei. Que se dobra, sangrando.*

**JIGUÊ.** Anda, mano, vamo embora daqui, vamo jogar no veado mato afora!

*Macunaíma derruba Capei no chão e esfaqueia-lhe.*

**JIGUÊ.** *(tentando deter o irmão)* Anda, mano, chega! Chega! Anda embora!

*Só depois de algum tempo Jiguê consegue deter Macunaíma, afastando-o. Jiguê aproxima-se do cadáver de Capei.*

**MACUNAÍMA.** Morreu?

**JIGUÊ.** Morreu. Morreu sim. *(após uma pausa)* Mas pra quê isso, mano? Para quê?

**MACUNAÍMA.** Essa feiticeira enfeitiçou Naipi. Não vê que essa aí é Naipi, cunhã tuxáua? É cascata não.

**JIGUÊ.** E matar a feiticeira valeu de quê?

*Olham os dois para a cascata.*

**NAIPI.** *(repete enquanto desaparece)* Nessa pedra ficarei chorando até o fim do que não tem fim... Nessa pedra ficarei chorando até o fim do que não tem fim... Nessa pedra ficarei chorando até o fim do que não tem fim...

**JIGUÊ.** Valeu de quê?

*Longa pausa, Macunaíma não tem resposta.*

**JIGUÊ.** E a Muiraquitã, mano, cadê?

**MACUNAÍMA.** *(olhando assustado para o pescoço)* Cadê, Jiguê?

**JIGUÊ.** Quando saí você inda tinha.

**MACUNAÍMA.** Me ajuda a campear, mano. Me ajuda que sem ela não passo!

*Os dois reviram todo o lugar, procurando pela Muiraquitã, Macunaíma está seriamente abalado pela perda da jóia. Depois de um tempo, Jiguê desiste.*

**MACUNAÍMA.** Não pára, Jiguê! Tem que achar.

**JIGUÊ.** A Muiraquitã não está mais aqui. Você perdeu quando matou a boiúna feiticeira.

**MACUNAÍMA.** Pois vou campear essa Muiraquitã seja onde for, Jiguê. Cascavel faça ninho se não topo com ela. A Muiraquitã foi Ci que me deu.

**JIGUÊ.** Vou junto, mano. Afinal, alguém tem que lhe proteger.

**MACUNAÍMA.** E que rumo se toma?

**JIGUÊ.** Cidade grande.

**MACUNAÍMA.** Será?

**JIGUÊ.** Lhe digo.

**MACUNAÍMA.** Por que?

**JIGUÊ.** É lá que se guarda o que tiram da gente.

*Fazem menção de sair.*

**MACUNAÍMA.** Espera, mano.

**JIGUÊ.** Que foi.

**MACUNAÍMA.** Antes de ir, me arranque a consciência.

**JIGUÊ.** Mano, pense bem.

**MACUNAÍMA.** *(após uma curtíssima pausa)* Pronto, já pensei, pode arrancar.

**JIGUÊ.** Olhe que isso dói dói dói...

**MACUNAÍMA.** Que bem me importa.

**JIGUÊ.** Pois está bem. No caminho, se achando uma pedra grande, quebro vosso coco e lhe tiro a consciência. Venha.

*Saem os dois.*

### **Cena 9**

*Os sons de uma grande cidade. Buzinas, máquinas, motores, gritos, passos, discussões, acidentes de carro, apitos, telefones, campanhas...*

*Macunaíma e Jiguê entram ressabiados, carregando consigo volumosos sacos. Macunaíma está com a cabeça enfaixada. Os ruídos da cidade começam a se transformar, pouco a pouco, em risadas e achincalhes. Logo são muitas pessoas caçoando de Macunaíma e de Jiguê, chamando-os de moita, capiau, gaudério, bugre...*

*Macunaíma enraivece, larga os sacos no chão e desafia:*

**MACUNAÍMA.** Nunca viu não?

*De súbito cessam os risos, Jiguê se apressa em arrastar Macunaíma e os sacos para fora de cena. Saem os dois*

### **Cena 10**

*Aos poucos surge um burburinho de vozes, típico de um aglomerado de muita gente e, em meio ao burburinho, uma marchinha. Há aplausos, muitos aplausos e a letra marchinha passa a ser ouvida, todos cantam:*

*Venceslau Pietro Pietra  
Gigante Piaimã  
Luta por você que já é pobre  
E por quem será pobre amanhã*

*Piaimã, esse é o nome  
Que acabará de vez com a fome  
Piaimã, esse é o nome*

*Sabe que só é feliz quem come*

*Sua mensagem pelos quatro cantos venta:*

*“Polenta no pobre, pobre na polenta”*

*Sua mensagem pelos quatro cantos venta:*

*“Polenta no pobre, pobre na polenta”*

*Surge Piaimã, num palanque, falando de boca cheia, enquanto come generosas colheradas de polenta.*

**PIAIMÃ.** Andam dizendo muita coisa por aí, mas o povo só tem dois problemas: a fome e a vontade de comer. *(aplausos gerais de aprovação)* Se for eleito prefeito desta cidade, dou minha palavra que todo cidadão terá direito a comer quanta polenta quiser. Comer até sair pela orelha. Comer até desmaiar. Polenta de graça, com os cumprimentos da prefeitura. *(aplausos gerais de aprovação)* E se digo, faço. Comigo não tem conversa. Quem estiver duvidando que vá em minha casa conhecer minha máquina de fazer de polenta, eu desafio! Polenta no pobre, pobre na polenta! Vote em mim.

*Uma grande ovação, canta-se a outra vez marchinha. Piaimã agradece.*

## **Cena 11**

*Macunaíma e Jiguê se aproximam de uma praça. Num banco está sentada uma senhora. Há ainda um malandro deitado com a cabeça em seu colo.*

*Entra Macunaíma com um pedaço de pau na mão, farejando, procurando sem sucesso rastro de algum animal para caçar. Instantes depois entra Jiguê, esbaforido, encarregado os sacos.*

*Jiguê vê os dois no banco e indica-os a Macunaíma. Incentiva-o a ir falar com eles. Macunaíma parece relutar mas, movido por um empurrão, vai.*

**MACUNAÍMA.** Bom dia, como lhes vai?

**SENHORA.** Bem, e o senhor?

**MACUNAÍMA.** Assim, assim.

**SENHORA.** Quer sentar?

*Macunaíma senta no pedaço de banco que ainda está livre.*

**MACUNAÍMA.** *(indica Jiguê)* É meu mano.

**SENHORA.** O senhor quer sentar também? A gente afasta. *(afagando a cabeça do malandro deitado em seu colo)* Meu filho, acorde, afaste um pouco para o moço sentar.

*O malandro acorda e choraminga.*

**SENHORA.** É só um pouquinho. Um pouquinho só.

*O malandro, choramingando, concede um mínimo de espaço e a senhora afasta, liberando uns poucos centímetros de banco. Jiguê se aproxima para sentar, mas Macunaíma é mais rápido e afasta as pernas, sentando mais relaxado.*

**MACUNAIMA.** *(indicando o chão)* Sente, Jiguê. Não ouviu a moça dizer?

*Jiguê senta no chão e fita Macunaíma por um tempo.*

**JIGUÊ.** Pergunte logo, mano! Se não sabe, o jeito é perguntar, ara!

**SENHORA.** *(para Macunaíma)* O que é, meu filho?

**MACUNAIMA.** Minha tia, me diga uma coisa. Não é que eu não saiba não, é só querendo confirmar.

**SENHORA.** Sim.

**MACUNAIMA.** Onde se acha por aqui alguma caça?

**SENHORA.** Como?

**MACUNAIMA.** Onde se campeia algum bebedouro de anta, algum rastro de bicho para caçar?

**SENHORA.** Ah, não tem. Cidade grande, sabe como é. Bicho para caçar não tem mais não. Estão com fome, é?

**JIGUÊ.** Ô! Dando hora de tanta fome, dona!

**MACUNAIMA.** É fome é fome.

**SENHORA.** *(tirando comida da bolsa)* Eu tenho aqui qualquer coisa.

**MALANDRO.** *(choramingando)* Mamãe, telo decumê! Mamãe, telo decumê!

**SENHORA.** Mas meu filho-

**MALANDRO.** *(choramingando)* Mamãe, telo decumê! Mamãe, telo decumê!

**SENHORA.** *(entrega a comida ao malandro)* Pois pegue.

*O malandro come vorazmente.*

**SENHORA.** Desculpe. Era pouco.

**MACUNAIMA.** Quem é esse, dona?

**SENHORA.** Meu filho.

**JIGUÊ.** Será?

**SENHORA.** É.

**MACUNAIMA.** Já viu disso, Jiguê?

**JIGUÊ.** Estranho.

**SENHORA.** *(falando baixo para o Macunaíma e Jiguê, na tentativa de não ser ouvida pelo malandro)* Eu ainda tenho aqui uma coisinha para vocês.

*A senhora tira da bolsa mais alguma coisa, mas quando vai entregar, volta a chorar o Malandro.*

**MALANDRO.** Mamãe, telo decumê! Mamãe, telo decumê!

**SENHORA.** É só o que ele sabe dizer. Coitado. É meu filho. *(a senhora entrega a comida ao malandro outra vez)* Mas vou ver se compro qualquer coisa. Com fome é que vocês não podem ficar.

*Sai. O malandro senta no banco.*

**MALANDRO.** Estão querendo o quê? Cheguei primeiro.

**MACUNAIMA.** Ara, gente, e você não só dizia “telo decumê”?

**MALANDRO.** Vão botar guizo em jacaré!

**MACUNAIMA.** Jacaré não tem pescoço, formiga não tem caroço.

**JIGUÊ.** E você é mesmo filho dela?

**MALANDRO.** Filho? Aquela ali é doida. Pensa que sou filho dela, veja só. Mas dinheiro bem que tem. Comida pelo menos sempre arranja. Enquanto isso vou me fazendo de filho e enchendo a barriga. Pronto.

**MACUNAIMA.** Isso é coisa que faça? Lhe digo, moço, muita injustiça isso é!

**MALANDRO.** Vá ver se eu estou na esquina!

**MACUNAIMA.** Não está não. Já vim de lá.

**JIGUÊ.** Vamos embora, mano.

*Jiguê sai levando Macunaíma, que o acompanha meio a contragosto.*

**MACUNAIMA.** Muita injustiça isso é!



**MALANDRO.** Já vão tarde.

**MACUNAIMA.** Foi comigo, colega?

**MALANDRO.** Foi sim, e daí?

**MACUNAIMA.** *(desistindo de sair)* Pois não vou mais, pronto!

**JIGUÊ.** Esqueça disso, mano, vamos embora.

**MACUNAIMA.** Não vou, Jiguê. Não está vendo o desprazer desse malfazejo?

**MALANDRO.** Vai querer dar jeito, é?

*Ameaçando o malandro com a arma que trouxe.*

**MACUNAIMA.** Bem que posso!

**MALANDRO.** Você é mas que é muito burro, isso sim. Se me matar, vem outro, moita! Vem outro e faz o que estou fazendo. Não tem jeito não. *(desafia)* Mata... Não muda nada.

**JIGUÊ.** Vamos embora, mano. Se não tem remédio, remediado está e pronto.

**MACUNAIMA.** Ora me diga, Jiguê, se vou deixar esse chupim judiando assim da coitada.

**JIGUÊ.** E faz o quê?

**MACUNAIMA.** Acabo com isso.

**MALANDRO.** Já disse. Se eu sair, vem outro.

**MACUNAIMA.** Isso eu resolvo também.

**MALANDRO.** Duvido.

**MACUNAIMA.** Lhe mostro.

**MALANDRO.** Quero ver.

*Entra a senhora com a comida que comprou.*

**SENHORA.** Eu trouxe bastante para todo mundo-

*Antes que a senhora termine a frase, Macunaíma a derruba com uma pancada na cabeça. A senhora cai no chão.*

**MACUNAÍMA.** Taí. Quero ver alguém judiar dela agora! Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são.

### Cena 12

*Piaimã continua seu discurso ao som da marchinha.*

**PIAIMÃ.** Lutando por você, que já é pobre, e por quem será pobre amanhã. “Liberdade, liberdade”, tudo bem, mas respeitando a bandeira do Brasil! “Liberdade, liberdade”, concordo, mas sem mexer na propriedade privada nem na mulher do outro! É como dizia a Revolução Francesa: “Tradição, Família e Propriedade”! (*aplausos gerais de aprovação*) Filho na escola, polenta na mesa e domingo no boteco. É o que digo. Vote em mim.

*Outros aplausos e a marchinha.*

### Cena 13

*Uma rua no baixo meretrício da cidade.*

*Macunaíma e Jiguê estão sentados em meio a restos de caixas de papelão, sacos de plástico, pedaços de madeira. Toda esta tralha eles cataram na rua para construir um abrigo. Têm ainda consigo os volumosos sacos e Jiguê está com uma trouxa na qual guarda alguns pertences que acumulou.*

*Macunaíma, sempre com a cabeça enfaixada, já não se traja mais como imperador das icamiabas. Ele e o irmão vestem roupas de homem branco, numa combinação esdrúxula e desarranjada.*

*Macunaíma encara Jiguê que, pelo jeito, já faz muito tempo que se preocupa só e exclusivamente em assoprar e beber café, tendo nisso um prazer indizível.*

**JIGUÊ.** (*assopra e prova mais um gole*) Cafezinho bom...

**MACUNAÍMA.** Ainda está nisso, mano? Depois que descobriu café, mamar na vaca você não quer. Nosso papiri, quem constrói? É de se morar na rua?

**JIGUÊ.** (*após uma pausa, assopra e prova mais um gole*) Cafezinho bom...

**MACUNAÍMA.** Jiguê!

**JIGUÊ.** Ara, meus cuidados! Vá começando a subir papiri você só, depois me achego.

**MACUNAÍMA.** (*consigo*) Ai que preguiça... (*para Jiguê*) Vê lá se estou podendo trabucar, mano! Ainda não sarei não. (*indica a Jiguê a cabeça enfaixada*) Buraco da cabeça não fechou e isso dói dói dói.

**JIGUÊ.** Eu bem que disse: “Mano, deixe disso, deixe sim. Não arranque a consciência não, que isso dói dói dói.” Jacaré me ouviu? Nem você. Mas

uma coisa eu digo. Seu buraco da cabeça está mui demoroso para fechar. Demoroso até demais. Agora sossegue e fique aí sarando bem.

*Jiguê volta ao café. Entram duas prostitutas.*

**MACUNAÍMA.** Repara, mano! Repara só. Branquinhas ver garça-real. Filhinhas da mandioca, Jiguê, só pode! Já que ajeito pro brincado.

**JIGUÊ.** Apague o facho, mano. Não estava doente?

**MACUNAÍMA.** Doente, sim, mas morto? *(se aproxima das prostitutas, farejando-as)* Mani... filhinhas da mandioca.

**PROSTITUTA 1.** *(acossando Macunaíma)* Sai, praga!

*Macunaíma se assusta e corre para perto de Jiguê. As prostitutas riem.*

**JIGUÊ.** Não disse? Será que não aprende, ora pois?

**MACUNAÍMA.** Espera aí, Jiguê, que sei o que foi. *(tira a faixa que envolve a cabeça)* Pronto.

*Com a cabeça sem ataduras, percebe-se que Macunaíma está louro.*

**JIGUÊ.** Arrenego, mano!

**MACUNAÍMA.** Que foi?

**JIGUÊ.** Seu cabelo loureceu! Loureceu bem!

**MACUNAÍMA.** *(observando uma mecha)* Eita que foi, não foi?

**JIGUÊ.** Está ver um filho da mandioca. Arrenego, mano! Se Deus lhe assinalou, alguma coisa lhe achou!

**MACUNAÍMA.** Não se assuste não, Jiguê. Só pode ter sido banho que tomei na pegada do Sumé. No mais, nada me falta, lhe garanto.

**JIGUÊ.** Se você tivesse me dito, mano, eu tomava banho lá também pra ficar bonito assim. Que pena, sinhá Helena!

**MACUNAÍMA.** Ora, Jiguê! Antes fanhoso que sem nariz. Louro você não ficou, mas tem lá a sua graça. Agora espere aí que tenho mais que fazer.

**JIGUÊ.** Alto lá!

**MACUNAÍMA.** Que foi?

**JIGUÊ.** E o buraco da cabeça não estava aberto?

**MACUNAÍMA.** Sarou, Jiguê. De já-hoje. Juro. Pela alma de nossa mãe. (*se aproxima outra vez de uma das prostitutas*) Ei, de azul, quer eu pra tu?

**PROSTITUTA 2.** (*acossando novamente o herói*) Sai, azar!

*As prostitutas riem.*

**MACUNAÍMA.** “Sai, azar” o quê, mocica! Respeite um herói! Onde já se viu disso, gente? Vocês são mas é mui safadinhas, isso que são. Filhinas da mandioca vêm mais eu sim.

**PROSTITUTA 2.** Pra quê?

**MACUNAÍMA.** Pra mim!

**PROSTITUTA 1.** E vai fazer o quê?

**MACUNAÍMA.** Brincar.

**PROSTITUTA 2.** De quê?

**MACUNAÍMA.** Marido e mulher.

**PROSTITUTA 1.** E como é que você faz?

**MACUNAÍMA.** Faço “juque”!

**PROSTITUTA 2.** Mas, meus cuidados, ninguém brinca assim por brincar não.

**MACUNAÍMA.** (*atacando*) Que bem me importa!

*As prostitutas sacam suas navalhas e ameaçam o herói.*

**PROSTITUTA 1 / PROSTITUTA 2.** Olha...

*Macunaíma desiste da investida e recua, volta para ter com Jiguê.*

**JIGUÊ.** Cara é essa, meus cuidados? Quem matou seu cachorrinho?

**MACUNAÍMA.** Jiguê me ajuda a derribar filhinas da mandioca com porretada na cabeça, me ajuda?

**JIGUÊ.** (*após uma pausa, assopra e prova mais um gole*) Cafezinho bom...

**MACUNAÍMA.** Jiguê, pelas nove horas! Está ver Zé Prequeté que tira bicho de pé pra comer com café! (*volta às prostitutas*) Ei...

**PROSTITUTA 1.** Que foi imbuá, que do meu pé não quer largar?

**MACUNAÍMA.** Como se chama o nome de vocês, gente?

**PROSTITUTA 1.** O meu é Vanessa.

**PROSTITUTA 2.** E o meu é Samanta.

**MACUNAÍMA.** E como é mesmo que faz?

**PROSTITUTA 2.** Pra quê?

**MACUNAÍMA.** Pra brincar, ué?

**PROSTITUTA 1.** Aqui é cidade grande, moita, não tem um isso de graça não. Injeção na testa paga centosconto. Casa de palha pegando fogo é mais cem. Pra brincar só com milréis, tostão, duzentorréis, quinhentorréis, cinquenta pau, bolada, grana, mufunfa, troco, verdinha, dindinho, dólar, banda, essas coisas todas que dinheiro se chama.

**MACUNAÍMA.** Pagar pra brincar não queria não.

**PROSTITUTA 2.** Que bem me importa!

*Prostituta 2 acende um cigarro com um isqueiro.*

**MACUNAÍMA.** E quem te deu essa pedra Vató que faz fogo?

*Macunaíma pega o isqueiro e o manipula, curioso.*

**PROSTITUTA 2.** Pedra Vató? Isso é isqueiro, moço, não é pedra não. É máquina. Tudo aqui na cidade grande é máquina, sabia não?

**MACUNAÍMA.** E essa máquina mora onde, gente?

**PROSTITUTA 1.** Máquina é homem que faz E máquina faz tudo que se imagine e o que falta imaginar. Até outra máquina, máquina faz.

**PROSTITUTA 2.** *(para Macunaíma)* E como é, afinal? Brinca ou não brinca?

**MACUNAÍMA.** Ô!

**PROSTITUTA 1.** Pois mostra o tutu.

**MACUNAÍMA.** Aqui mesmo, safada?

**PROSTITUTA 1.** Tutu não é isso, não, cachorro. É outro nome do dinheiro.

**MACUNAÍMA.** Ah, sim. Pois espera aí, filhinas da mandioca! Espera aí que já volto.

*Macunaíma vai pegar uns sacos de cacau. Jiguê tenta impedi-lo.*

**JIGUÊ.** Mano que é isso? Não gaste nosso cacau.

**MACUNAÍMA.** Não é por boniteza, Jiguê. É por precisão. Vê lá se eu ia gastar dinheiro a toa?

**JIGUÊ.** Mas, mano, há que se guardar nem que seja o do café. Sem café como é que fica?

**MACUNAÍMA.** Procure na sua trouxa que ainda deve de ter.

**JIGUÊ.** Tem não. Na trouxa só vai mesmo o minimóro. Só meus teréns e olhe olhe!

**MACUNAÍMA.** Depois se arranja mais, Jiguê! Por morrer um caranguejo o mangue não bota luto! Filhinas da mandioca estão gostando de mim. Até presente ganhei. (*entrega o isqueiro*) É pedra Vató que faz fogo, espia.

*Jiguê manipula curioso o isqueiro e, enquanto Macunaíma volta às prostitutas com o cacau, tira um cachimbo da trouxa e acende.*

**MACUNAÍMA.** Taí, filhinas da mandioca. Com isso se brincarás um ano ou mais!

*As prostitutas examinam o material.*

**PROSTITUTA 1.** Um ano? Cacau está em baixa na bolsa de mercadoria, moço. Ainda mais neste estado. Dará para essa noite e olhe olhe. É se quiser!

**PROSTITUTA 2.** E tem que ser logo. Já que chega nosso patrão. Se ele fica com raiva, ai d'eu, sodade!

**MACUNAÍMA.** Quem é o patrão de vocês, gente?

**PROSTITUTA 2.** O nome de nosso chefe se chama Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã.

*Nisso surge Jiguê, que arrasta Macunaíma para longe das prostitutas.*

**JIGUÊ.** Mano, venha cá!

**MACUNAÍMA.** Sangria mais desatada, Jiguê!

**JIGUÊ.** Esse Piaimã não é flor que se cheire não! Melhor ir embora. Piaimã é mas que é chefe de um tudo aqui. Já vi cara dele pra toda banda, pintado de tudo que é jeito. Boa peça ele não é.

**MACUNAÍMA.** Como você sabe?

**JIGUÊ.** Pelo branco do olho. Piaimã não presta, lhe digo.

**MACUNAÍMA.** Vai ver é dele mesmo que estou atrás. De certo saberá da Muiraquitã.

**JIGUÊ.** Tome a sopa pela beirada, mano. Bote reparo no que digo: vai lá e a volta é cruel!

**MACUNAÍMA.** *(para as prostitutas)* Filhinhas da mandioca, Samanta e Vanessa, como se acha o tal do Piaimã?

**PROSTITUTA 1.** Se der azar, herói, já que ele chega.

**PIAIMÃ.** *(fora de cena)* Socorro! Perpétuo!

**PROSTITUTA 2.** Chegou!

**PROSTITUTA 1.** Agora vamos embora. Nosso patrão está chamando.

**PIAIMÃ.** *(fora de cena)* Socorro! Perpétuo!

**PROSTITUTA 2 / PROSTITUTA 1.** Já vai!

*As prostitutas vão saindo levando o cacau.*

**MACUNAÍMA.** E meu cacau?

*As prostitutas, sacam outra vez suas navalhas e ameaçam o herói.*

**PROSTITUTA 1 / PROSTITUTA 2.** Olha...

**PROSTITUTA 2.** Vá embora que é melhor. Se Piaimã te pega, ai d'eu, sodade.

*Saem as prostitutas.*

**JIGUÊ.** Vamos embora, mano, vamos jogar no veado rua afora!

**MACUNAÍMA.** Larga, Jiguê! Primeiro vou ver esse Piaimã!

**JIGUÊ.** Mano, cadê seu juízo?

**MACUNAÍMA.** Vim achar Muiraquitã, não foi? De alguma coisa Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã, saberá. E lá vem ele.

**JIGUÊ.** Pois mano, me prometa: Se Piaimã cantar feito passarinho assim “ogoró, ogoró, ogoró.”, você não secunde, senão adeus minhas encomendas.

**MACUNAÍMA.** Prometo.

**JIGUÊ.** De vera?

**MACUNAÍMA.** Jurado. Pela alma de nossa mãe.

**PIAIMÃ.** (*fora de cena*) Ogoró! Ogoró! Ogoró!

**MACUNAÍMA.** Ogoró! Ogoró! Ogoró!

*Ouve-se um tiro, Macunaíma cai no chão, morto.*

**JIGUÊ.** Eita!

*Jiguê se apressa em esconder o cadáver do irmão, cobrindo-o com um plástico que seria usado na construção do papiri. Entra Piaimã.*

**PIAIMÃ.** Quem que secundou?

**JIGUÊ.** Sei não.

**PIAIMÃ.** Quem que secundou?

**JIGUÊ.** Sei não.

**PIAIMÃ.** Quem que secundou?

**JIGUÊ.** Sei não.

**PIAIMÃ.** Foi gente, me mostra quem era.

**JIGUÊ.** (*fingindo não ter ouvido*) Ahn?

**PIAIMÃ.** Foi gente, me mostra quem era.

**JIGUÊ.** Ahn?

**PIAIMÃ.** Foi gente, me mostra quem era.

**JIGUÊ.** Ahn?

**PIAIMÃ.** Deixa de conversa, meu neto! Entrega logo a gente que cacei senão te mato, velho safadinho!

**JIGUÊ.** Pois tome.

*Jiguê mostra o cadáver do irmão. Piaimã examina.*

**PIAIMÃ.** Desse aqui dará pra aproveitar tudo. Até olho que bala furou. Vou levar.



*Piaimã começa a arrastar Macunaíma, mas Jiguê tenta impedi-lo.*

**JIGUÊ.** Espere aí, patrício, que eu queria fazer negócio no pato.

**PIAIMÃ.** Meu neto tem dinheiro?

**JIGUÊ.** Até coisa melhor. *(entregando o resto do cacau)* É muito por vosso patinho magro. Mas vou topar o prejuízo pra virar freguês.

**PIAIMÃ.** *(examinando o cacau)* Lave essa cara, turco! Cacau está em baixa e ainda mais nesse estado.

**JIGUÊ.** Pois só não desisto da compra porque meu coração é mole mole. *(tira uma garrafa de uísque de dentro da trouxa)* Essa aqui vale três vezes o patinho mirrado, mas vamos fechar negócio.

**PIAIMÃ.** *(após cheirar e provar o uísque)* Isso é do Paraguai, meu neto, quiçá da Venezuela... Mas hoje estou deixando passar. O pato é vosso.

**JIGUÊ.** Até, patrício!

**PIAIMÃ.** Até, meu neto!

**JIGUÊ.** Lembranças aos seus.

**PIAIMÃ.** Igualmente. E vote em mim.

*Sai Piaimã levando o uísque e o resto do cacau.*

*Murmurando uma prece, Jiguê faz uma dança enquanto assopra fumaça de cachimbo em Macunaíma, que aos poucos vai acordando.*

**MACUNAÍMA.** Que foi que sucedeu pra mim, Jiguê?

**JIGUÊ.** Mas, meus cuidados, não falei pra você não secundar cantiga de passarinho? Falei, sim... Pois então... Piaimã matou você com máquina revólver e ai d'eu, sodade!

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça... Estou mais gostando da taba cidade grande não, mano. Melhor voltar pra nossa querência, pro nosso Uraricoera.

**JIGUÊ.** Não diga besteira, mano. Quem quer cavalo sem tacha anda de a pés, ora pois. Tem é que pegar a Muiraquitã que estará com Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã.

**MACUNAÍMA.** E se ela não está com ele?

**JIGUÊ.** Está.

**MACUNAÍMA.** Quem que diz?

**JIGUÊ.** Perdiz. Não estou garantido? Vi no branco no olho dele, mano. Piaimã tem a pedra.

**MACUNAÍMA.** Pois amanhã mesmo vou lá, que tenho opinião de sapo e quando encasqueto uma coisa aguento firme no toco. Pancada primeira é que mata cobra!

#### Cena 14

*Escritório de Piaimã, no cortiço. O gigante comedor de gente está em sua rede, atracado com uma panela de polenta e comendo com voracidade e maus modos.*

*Toca o telefone, ele atende de boca cheia.*

**PIAIMÃ.** Alô. É ele. Francesa? Francesa mesmo? De vera? Muito prazer. Saúde. Muito interessado sim. Como não. Pois teria que ser aqui em minha casa pra negociar folgado. Aqui se fica mais à vontade. Agora mesmo, se possível. Saúde. Vote em mim.

*Ouvem-se pancadas na porta.*

**PIAIMÃ.** Que é que há?

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* Abra a porta pra mim entrar!

**PIAIMÃ.** Quem que vem?

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* A francesa, ora! Quem mais?

**PIAIMÃ.** Já que chego.

*Piaimã come mais algumas colheradas de polenta e vai abrir a porta. Entra Macunaíma, travestido de francesa.*

**PIAIMÃ.** Ligeiro, não?

**MACUNAÍMA.** C'est vrai, como dizem os franceses.

**PIAIMÃ.** Vamos entrando.

**MACUNAÍMA.** Merci.

**PIAIMÃ.** Saúde. *(farejando Macunaíma)* A senhora até que é muito cheirosinha, dona, pra ser francesa.

**MACUNAÍMA.** Ora se isso é nada, gigante. É fragrância da máquina combinação com cheio de casca-sacaca, da máquina cinta aromada com capim cheiroso, da máquina decoletê úmida e da máquina patchuli. Coisa de francesa, que nunca não pode faltar.

**PIAIMÃ.** Que tanto você diz máquina, mocica? Muito estranha vossa fala...

**MACUNAÍMA.** É que sou francesa, gente. Aprendi só português escrito lá no Sacre Coeur, brasileiro falado não sei direito não!

**PIAIMÃ.** Ora pois.

**MACUNAÍMA.** Mas vamos deixar de nove horas que esse randevu é pra tratar da máquina negócios.

**PIAIMÃ.** E pra quê tanta pressa? Descanse da viagem um pedaço. Deite aqui na minha rede.

**MACUNAÍMA.** Não terá nenhum problema?

**PIAIMÃ.** (*sentando na rede*) Problema o quê! A velha Ceiuci, minha senhora, saiu com minha filha. Dá pra negociar folgado até mais não. Ande cá.

*Macunaíma senta na rede, ao lado de Piaimã, que tenta agarrá-lo. Macunaíma se esquivava.*

**MACUNAÍMA.** E isso aqui na panela?

**PIAIMÃ.** Polenta.

**MACUNAÍMA.** Pode provar?

**PIAIMÃ.** Toda sua.

**MACUNAÍMA.** Merci.

**PIAIMÃ.** Saúde.

*Macunaíma come com ainda mais voracidade e maus modos que o gigante.*

**PIAIMÃ.** Está gostando?

**MACUNAÍMA.** Assim, assim.

*O gigante aproveita que Macunaíma está entretido com a polenta e se aproxima do herói, cutucando-lhe.*

**MACUNAÍMA.** Deixe disso, gigante. Faz cosquinha! Capaz de eu engasgar.

**PIAIMÃ.** É catando carrapato, seu bem.

**MACUNAÍMA.** Deixa nós comer, safado!

**PIAIMÃ.** Vá comendo.

**MACUNAÍMA.** Estou tentando.

**PIAIMÃ.** E eu não?

*Piaimã puxa Macunaíma para dentro da rede e tenta agarrá-lo, o herói faz o que pode para se soltar.*

**MACUNAÍMA.** Ai que eu sufoco, patrício!

**PIAIMÃ.** Sufoca nada, francesa!

**MACUNAÍMA.** Larga nós!

**PIAIMÃ.** Vá sonhando.

*Com muito esforço Macunaíma consegue deixar a rede.*

**PIAIMÃ.** Que é isso, francesa? Vai parar assim no meio?

**MACUNAÍMA.** Ai que eu sufoco!

**PIAIMÃ.** Não quer negociar?

**MACUNAÍMA.** Bem que quero. Mas de longe, mui rente dessa maneira faz mal pra saúde. Você pelo jeito quer é me brincar.

**PIAIMÃ.** Lave a boca, dona. Agora que a moça pisou nos calos. Sou mas é homem de muito decoro e respaldo, candidato a prefeito e doutor em muitas ciências, inclusive as mais nobres, como a astronomia, isso que.

**MACUNAÍMA.** Vá ver se acredito!

**PIAIMÃ.** Duvida?

**MACUNAÍMA.** Duvi-d-o-dó!

**PIAIMÃ.** Pois venha aqui na janela.

*Macunaíma e Piaimã se aproximam da janela.*

**PIAIMÃ.** Como se chama o nome daquela constelação?

**MACUNAÍMA.** Cadê? Só vejo mesmo estrelinha.

**PIAIMÃ.** Pois bote reparo nas quatro estrelinhas lá.

**MACUNAÍMA.** Que é que tem?

**PIAIMÃ.** É uma constelação batizada como Cruzeiro do Sul. Lucilante símbolo da pátria amada Brasil.

**MACUNAÍMA.** Ah, mas não é não. Taí, que não é.

**PIAIMÃ.** Como não, francesa?

**MACUNAÍMA.** Não é, ora pois! É o Pai do Mutum.

**PIAIMÃ.** Quer fazer mangofa com minha cara? Aquilo é o Cruzeiro do Sul, lucilante símbolo da pátria amada Brasil!

**MACUNAÍMA.** Vá desmamar jacu com alpiste, moço. Aquilo é o Pai do Mutum, isso que sim. É o Pai do Mutum que resolveu ir pro céu promode não padecer mais com as formigas da terra. E como resolveu ir de noite, pediu para seu compadre vaga-lume, se chamando Camaiuíá, alumiar caminho com sua lanterninha verde bem acesa. O vaga-lume Cunavá, sobrinho do Camaiuíá, foi na frente alumiano caminho pro tio e ainda botou mais na frente um irmão para também ir alumiano. Isso é que é as quatro estrelinhas lá.

**PIAIMÃ.** Está solta!

**MACUNAÍMA.** E digo mais. O mano que alumio caminho pro outro, que alumio caminho pro tio, que alumio caminho pro Pai do Mutum, chamou também o pai, que chamou a mãe, que chamou toda geração, o chefe de polícia e o inspetor do quartirão e muitos, muitos, uma nuvem de vagalumes foram alumiano caminho um pro outro. Fizeram, gostaram de lá e sempre um atrás do outro nunca mais voltaram do campo vasto do céu. É aquele caminho de luz que daqui se enxerga atravessando o espaço. Aquelas quatro estrelinhas lá não é Cruzeiro não, que Cruzeiro que nada, gente! É o Pai do Mutum que pára no campo vasto do céu... Tem mais não.

**PIAIMÃ.** Sinto dizer, mas a senhorita não gira bem não. Voltamos lá pra rede que é o melhor que se faz.

**MACUNAÍMA.** Tire a mão, gigante! Vamos mas é tratar da máquina negócios.

**PIAIMÃ.** Ora pois. E não já tinha até esquecido?

**MACUNAÍMA.** Bem se vê.

**PIAIMÃ.** Quer o quê, mesmo?

**MACUNAÍMA.** Seria verdade que o senhor tem aqui uma pedra Muiraquitã formato de jacaré?

**PIAIMÃ.** Espere aí que já volto.

**MACUNAÍMA.** Merci.

**PIAIMÃ.** Saúde.

*Sai Piaimã. Enquanto o gigante não volta, Macunaíma aproveita para comer mais polenta. Volta Piaimã.*

**PIAIMÃ.** Olhe aqui, francesa.

*Piaimã abre um estojo e mostra a Macunaíma seu conteúdo.*

**MACUNAÍMA.** É ela. É ela sim.

**PIAIMÃ.** E essa cara de choro? Que foi?

**MACUNAÍMA.** Nada não. Por quanto o senhor me vendia a pedra?

**PIAIMÃ.** Não vendo.

**MACUNAÍMA.** Bote preço, moço, dinheiro se arranja.

**PIAIMÃ.** Sinto muito mas não tem preço. Pedra eu tenho muita. Berilo, seixo polido, pingo d'água, ovo de pomba, osso de cavalo, coluna grega, buda javanês, obelisco, pedra ornitomorfa de Iguape, rubi, turmalina, bloco de titânio, fóssil calcário, litóglifo de Calamare, todas essas pedras que muitas são. Mas essa Muiraquitã formato de jacaré é a mais rara da coleção. Comprada por mais de mil contos a uma imperatriz das icamiabas, lá na praia da lagoa Jaciuruá.

**MACUNAÍMA.** Pois sim. Do mesmo jeito que o Pai do Mutum chama Cruzeiro!

**PIAIMÃ.** Quer fazer negócio? Como é?

**MACUNAÍMA.** Pois se não vende, então me empreste.

**PIAIMÃ.** Você imagina então que vou cedendo assim com uma ou duas risadas, francesa? Qual!

**MACUNAÍMA.** Mas estou querendo tanto a pedra...

**PIAIMÃ.** Vá querendo!

**MACUNAÍMA.** Pois tanto se me dá como se me dava, pechinheiro!

**PIAIMÃ.** Pechinheiro uma ova! Dobre a língua! Colecionador é que é! Quer negócio ou não?

**MACUNAÍMA.** Mas se você não empresta nem vende!

**PIAIMÃ.** De fato, vendido nem emprestado você não me leva, mas comigo é oito ou oitenta, posso lhe dar a pedra, conforme...

**MACUNAÍMA.** Conforme o quê?

**PIAIMÃ.** *(sentando na rede)* Sente aqui, pra mim lhe dizer.

**MACUNAÍMA.** Diga de longe mesmo que de perto dá sapinho.

**PIAIMÃ.** De longe não digo, anda cá.

*Macunaíma se senta na rede e Piaimã se achega dele bem.*

**MACUNAÍMA.** Pois diga logo.

**PIAIMÃ.** Posso lhe dar a pedra, conforme-

*Piaimã sussurra a proposta indecorosa no ouvido de Macunaíma.*

**MACUNAÍMA.** Cai fora, peruano sem-vergonha!

*Piaimã puxa Macunaíma, os dois desaparecem dentro da rede.*

**PIAIMÃ.** Quero ver sair!

**MACUNAÍMA.** *(tentando escapar)* Arre nego, peste!

**PIAIMÃ.** *(puxando Macunaíma de volta)* Vem cá, siriri!

**MACUNAÍMA.** *(tentando escapar)* Vai de retro!

**PIAIMÃ.** *(puxando Macunaíma de volta)* Vem cá, siriri!

**MACUNAÍMA.** Menino, eu sou é homem!

**PIAIMÃ.** Por isso não, que conheço um jeito!

**MACUNAÍMA.** Larga!

**PIAIMÃ.** Não largo!

**MACUNAÍMA.** Larga que senão te bato!

**PIAIMÃ.** Morda aqui, pra ver se acredito.

**MACUNAÍMA.** Juque!

*Piaimã grita desesperado, em grande dor. Macunaíma sai da rede completamente descomposto.*

**MACUNAÍMA.** *(saindo, apressado)* Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são.

*Tentando controlar a dor, Piaimã grita da rede:*

**PIAIMÃ.** Vote em mim!

### **Cena 15**

*Ouve-se um locutor.*

**LOCUTOR.** E lamentamos informar que o candidato Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã, não poderá comparecer esta noite em nossos estúdios para a entrevista, como havíamos anunciado anteriormente. O candidato precisou fazer uma viagem urgente à Europa por motivos de saúde. Nas palavras do seu porta-voz ele sofreu um “acidente de trabalho”. Mas o candidato pediu que lêssemos no ar um discurso que nos enviou, o que faremos agora, com muito prazer. Abre aspas: “Povo da cidade grande. Polenta no pobre, pobre na polenta. Mais não preciso dizer. Vote em mim.” Fecha aspas.

### **Cena 16**

*Uma sarjeta.*

*Chega Macunaíma, ainda travestido de francesa, mas completamente descomposto. O herói se aproxima em silêncio de Jiguê (entretido em catar carrapatos), e a seu lado permanece, calado e pensativo, despindo sem ânimo a fantasia.*

**JIGUÊ.** Como foi lá, coraçãozinho dos outros?

*Macunaíma, emburrado, não responde.*

**JIGUÊ.** Não quer falar comigo, é?

**MACUNAÍMA.** Estou de mal.

**JIGUÊ.** Por causa?

*Nenhuma resposta de Macunaíma.*

**JIGUÊ.** Afinal, meus cuidados, quem matou seu cachorrinho?

**MACUNAÍMA.** Pensei numa coisa, Jiguê: A máquina mata o homem, porém o homem manda na máquina. Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles na luta. Há empate. Os homens é que são máquina, as máquinas é que são homem.

*Macunaíma dá uma gargalhada, mas logo volta a seu estado contemplativo.*



**JIGUÊ.** Você está é tomando bênção a cachorro e chamando gato de tio, só vendo! Trouxe a Muiraquitã?

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Trouxe ou não trouxe?

**MACUNAÍMA.** Estou mas é muito cansado da cidade grande, muito. Bem sem graça, isso aqui é.

**JIGUÊ.** Deixa de ser aruá, mano! Aos poucos, tudo se ajesta. Roma não se fez num dia.

**MACUNAÍMA.** E cacau, mano, ainda tem?

**JIGUÊ.** Nadica de nada. Só temos mesmo a noite e o dia.

**MACUNAÍMA.** Danou-se.

**JIGUÊ.** Deixe, mano. Deixe que dou jeito. Sei até como.

**MACUNAÍMA.** E como é?

**JIGUÊ.** Jogo no bicho. Afinal, quem entenderá mais de bicho que nós? Anda, me dá essa máquina roupa de francesa. Vou trocar por um bilhete. E trate de levantar a cara.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** (*saindo com as roupas*) Deixe de corpo mole, mano! A Sol não brilha para todos? Pois há de brilhar para você também. Ô se há!

*Jiguê sai.*

**MACUNAÍMA.** (*consigo*) Duvido, Jiguê. Duvido que para mim ela ainda brilhe.

*Nisso, ouve-se um canto e entra Vei, a Sol, arrastando suas duas filhas em uma jangada.*

**VEI.** (*se achegando de Macunaíma*) Cara é essa, herói?

**MACUNAÍMA.** Estou tão trístico...

**VEI.** Pois entre na jangadinha, que as filhas minhas lhe cuidam.

**MACUNAÍMA.** E como é o nome de você, moça?

**VEI.** Depois saberás.

**FILHA DE VEI 1.** Entra aqui, herói!

**FILHA DE VEI 2.** Entra aqui, entra!

**VEI.** Entra ou não entra?

**MACUNAÍMA.** Ô se entro!

*Macunaíma entra na jangada de Vei. As filhas da Sol o recebem com muita festinha, cobrem o herói de beijos, esfregam-lhe o corpo e, principalmente, fazem-lhe muitas cócegas.*

**MACUNAÍMA.** Ai, danada, que faz cosquinha... Na barriga não...

**FILHA DE VEI 1.** Na barriga, sim!

**MACUNAÍMA.** Pára, seu bem...

**FILHA DE VEI 2.** Mostre a barriguinha, mostre...

**MACUNAÍMA.** Está aqui.

*As filhas cutucam a barriguinha do herói, que ri deliciado. As cócegas nunca param e Macunaíma chega a sentir falta de ar e a dar sinais de agonia, algo misto de gozo e cansaço. Nessa hora, as filhas de Vei dão uma trégua.*

**MACUNAÍMA.** (após tomar um mínimo de ar) Mais!

*Mais cócegas e risadinhas do herói e das filhas de Vei. Outra vez Macunaíma agoniza e goza e as mocinhas param.*

**MACUNAÍMA.** (após tomar um mínimo de ar) Mais!

*Outra cócegas e risadinhas.*

**VEI.** Filhas minhas, filhas minhas... É para cuidar do herói, mas sem tanta senvergonhice!

**MACUNAÍMA.** (cutucando, mordendo e roçando nas moças) Ora não se incomode, senhora, que é tudo com muito respeito... Mas como se chama mesmo o nome de você?

**VEI.** Depois saberás.

**FILHA DE VEI 1.** (para Macunaíma) Está gostando, herói?

**MACUNAÍMA.** Ô!

**FILHA DE VEI 2.** Quer mais?

**MACUNAÍMA.** Ô!

**FILHA DE VEI 1.** Diga alguma coisa bonita, herói.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**FILHA DE VEI 2.** Isso não vale não, safado, cante uma musiquinha para impressionar.

**FILHA DE VEI 1.** Uma musiquinha alegre, a mais alegre que você conhece.

**MACUNAÍMA.** Pois está bem: “Quando eu morrer não me chores, / Deixo a vida sem sodade;”

**FILHA DE VEI 1 / FILHA DE VEI 2.** “Mandu sarará...”

**MACUNAÍMA.** “Tive por pai o desterro, / Por mãe a infelicidade,”

**FILHA DE VEI 1 / FILHA DE VEI 2.** “Mandu sarará...”

**MACUNAÍMA.** “Papai chegou e me disse: / - Não hás de ter um amor! ”

**FILHA DE VEI 1 / FILHA DE VEI 2.** “Mandu sarará...”

**MACUNAÍMA.** “Mamãe veio e me botou / Um colar feito de dor,”

**FILHA DE VEI 1 / FILHA DE VEI 2.** “Mandu sarará...”

**MACUNAÍMA.** “Que o tatu prepare a cova / Dos seus dentes desdentados,”

**FILHA DE VEI 1 / FILHA DE VEI 2.** “Mandu sarará...”

**MACUNAÍMA.** “Para o mais desinfeliz / De todos os desgraçados,”

**FILHA DE VEI 1 / FILHA DE VEI 2.** “Mandu sarará...”

*Eles todos riem da canção e brincam mais.*

**MACUNAÍMA.** Puxavante! Que gostosura, gente.

**VEI.** Filhas minhas, filhas minhas, já chega de tanta festa. Vão me esperar na esquina que quero falar com o herói.

**FILHA DE VEI 1.** Deixe a gente aqui mais um pouco, nossa mãe.

**FILHA DE VEI 2.** Um poucadinho só.

**MACUNAÍMA.** *(para Vei)* Depois se conversa, moça.

**VEI.** Depois não. Já. Filhas minhas, filhas minhas, andem logo!

*As duas filhas de Vei deixam a jangada depois de se despedirem bastante de Macunaíma com beijos e cócegas.*

**MACUNAÍMA.** Tão bom que estava...

**VEI.** Quero saber de sua intenção, herói. Você não tem boa fama, não. Lhe deixei entrar na jangadinha mas quero saber como é que fica. Aceita casar com uma de minhas filhas?

**MACUNAÍMA.** Só com uma?

**VEI.** É.

**MACUNAÍMA.** *(após pensar por um breve instante)* Aceito! Aceito, sim!

**VEI.** Jura?

**MACUNAÍMA.** Pela alma de minha mãe.

**VEI.** Pois o dote que dou para ti é Oropa, França e Bahia, mas porém você tem de ser fiel e não andar mais brincando com outras cunhãs por aí.

**MACUNAÍMA.** *(após pensar por um breve instante)* Pois aceito! Já aceitei!

**VEI.** Jura de vera que nunca mais não brinca com qualquer cunhã que aparece?

**MACUNAÍMA.** Juro. Pela alma de minha mãe.

**VEI.** Pois vou com minhas filhas fazer o dia no cerradão. Mas você não me esqueça sua jura. Mais tarde eu volto.

**MACUNAÍMA.** Mas como se chama mesmo vosso nome?

**VEI.** Depois saberás.

*Sai Vei. Macunaíma permanece na jangadinha, passando o tempo. Nisso entra a filha mais nova de Piaimã, de passagem.*

**MACUNAÍMA.** Psiu... Psiu... Ei, mocica...

**FILHA DE PIAIMÃ.** Eu?

**MACUNAÍMA.** Você, sim. Vem aqui pra jangadinha, vem?

**FILHA DE PIAIMÃ.** Que você faz aí?

**MACUNAÍMA.** Esperando.

**FILHA DE PIAIMÃ.** O quê?

**MACUNAÍMA.** Esqueci.

**FILHA DE PIAIMÃ.** Pois não vou não.

**MACUNAÍMA.** Venha, que é bom.

**FILHA DE PIAIMÃ.** Como é que você faz?

**MACUNAÍMA.** Juque!

**FILHA DE PIAIMÃ.** Vou lá nada!

**MACUNAÍMA.** Venha, mocica!

**FILHA DE PIAIMÃ.** Essa jangadinha é vossa?

**MACUNAÍMA.** Como se fosse.

**FILHA DE PIAIMÃ.** Vamos fazer um trato: lhe digo três adivinhas. Se você acertar uma que seja, entro na jangadinha, senão vou embora.

**MACUNAÍMA.** Pois mande! Qual é a primeira?

**FILHA DE PIAIMÃ.** O que é que é: É comprido, roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gosto da gente e não é palavra indecente?

**MACUNAÍMA.** Ah, isso é indecência sim!

**FILHA DE PIAIMÃ.** Bobo! É macarrão!

**MACUNAÍMA.** Ahn... é mesmo... Engraçado, não!

**FILHA DE PIAIMÃ.** Agora o que é que é: Qual é o lugar onde as mulheres têm o cabelo mais crespinho?

**MACUNAÍMA.** Oh, que bom! Isso eu sei! (*aponta entre as pernas da moça*) É aí!

**FILHA DE PIAIMÃ.** Cachorro! É na África, sabe!

**MACUNAÍMA.** Pois me mostra sua África, faz favor!

*A filha de Piaimã acerta um tapa na cara do herói.*

**FILHA DE PIAIMÃ.** Agora é a última vez. Diga o que é: “Mano, vamos fazer / Aquilo que Deus consente: / Ajuntar pêlo com pêlo, / Deixar o pelado dentro.”

**MACUNAÍMA.** Ara! Também isso quem não sabe! Mas cá para nós, que ninguém nos ouça, você é bem senvergonha, dona!

**FILHA DE PIAIMÃ.** Descobriu! Não é dormir ajuntando os pêlos das pestanas e deixando o olho pelado dentro que você está maginando?

**MACUNAÍMA.** Ahn?

**FILHA DE PIAIMÃ.** A resposta da adivinha é dormir, ora. Ajuntar o pêlo das pestanas e deixar o olho pelado dentro. Foi isso que você pensou, não foi?

**MACUNAÍMA.** Foi. Foi sim. Eu juro. Pela alma da minha mãe. Agora entre na jangadinha, que você prometeu.

*A filha de Piaimã entra na jangada.*

**FILHA DE PIAIMÃ.** Agora que você faz?

**MACUNAÍMA.** Adivinha!

*Macunaíma arrasta a filha de Piaimã para dentro e começam a brincar. Brincam longamente, entre risadas. Nisso voltam as filhas de Vei.*

**FILHA DE VEI 1.** Então é assim que se faz, herói? Pois nossa mãe Vei não falou pra você não sair da jangadinha e não ir brincar com outras cunhãs por aí?

**MACUNAÍMA.** E a mãe de vocês é Vei?

**FILHA DE VEI 2.** É sim. Nossa mãe é Vei, a Sol.

**MACUNAÍMA.** A boa da Sol, poncho dos pobres?

**FILHA DE VEI 2.** Essa mesma.

**MACUNAÍMA.** Mas eu estava muito trístico...

**FILHA DE VEI 2.** Não tem trístico nem mané trístico, herói! Agora que você toma um pito de nossa mãe!

*Saem as filhas de Vei, apressadas.*

**FILHA DE PIAIMÃ.** E agora?

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

*Voltam Vei e suas filhas.*

**FILHA DE VEI 1.** Veja, nossa mãe Vei, o que vosso genro fez! Nem bem a gente foi no cerradão que ele deu em cima de uma boa, trouxe ela na vossa jangadinha e brincaram até mais não! Agora estão se rindo, um pro outro!

*Macunaíma e a filha de Piaimã se riem um pro outro.*

**FILHA DE VEI 2.** Está vendo, nossa mãe?

**VEI.** Ara, ara, ara, meus cuidados! Pois não falei para você não dar em cima de nenhuma cunhã não? Falei sim! E inda por cima você brinca com ela na jangadinha minha e agora estão aí se rindo um pro outro!

**MACUNAÍMA.** Mas eu estava tão tristonho, dona Sol...

**VEI.** Pois se tivesse me obedecido casava com uma de minhas filhas e havia de ser sempre moço e bonitão. Agora você fica pouco tempo moço talqualmente os outros homens depois vai ficando mocetudo e sem graça nenhuma.

**MACUNAÍMA.** Tanto que eu lhe dava bolo de aipim pra lamber secando lá no Uraricoera.

**VEI.** Bolinho de aipim não me amolece coração não. Sua safadeza foi muito grande. Mas lhe dou esta pedra Vató que faz fogo. *(entrega a pedra Vató)* Pronto.

**MACUNAÍMA.** Ah, Sol! Ah se eu subesse...

**VEI.** “Se eu subesse” é santo que nunca valeu pra ninguém, meus cuidados! Você o que é mas é muito safadinho, isso sim! Não te dou mais nenhuma das minhas filhas não!

**MACUNAÍMA.** Pois nem eu queria! Que fogo devore tudo, se sou frouxo agora para mulher me fazer mal! Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são, já disse!

**VEI.** Saia já da jangadinha!

*Macunaíma deixa a jangada com a filha de Piaimã.*

**MACUNAÍMA.** Toda sua!

**VEI.** Vamos embora, filhas minhas!

**MACUNAÍMA.** Antes só que mal acompanhado.

**VEI.** *(para Macunaíma)* E um dia ainda lhe dou uma boa de uma lição!

**MACUNAÍMA.** *(dando uma banana)* Tome!

**VEI E AS FILHAS.** *(retribuindo a ofensa)* Tome também.

*Partem Vei e as filhas.*

**MACUNAÍMA.** *(Numa última ofensa)* Três, diabo fez!

**VEI.** *(fora de cena)* Ainda te pego!.

**FILHA DE PIAIMÃ.** E agora, herói?

**MACUNAÍMA.** Vamos continuar nosso serviço, filhinha da mandioca, vamos?

**FILHA DE PIAIMÃ.** Pois vamos para minha casa.

**MACUNAÍMA.** Será?

**FILHA DE PIAIMÃ.** Será sim. E venha logo, antes que pai me ache!

**MACUNAÍMA.** E vosso pai é valente?

**FILHA DE PIAIMÃ.** Que dá no tenente!

**MACUNAÍMA.** Como se chama o nome dele?

**FILHA DE PIAIMÃ.** Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã.

**MACUNAÍMA.** Danou-se!

**PIAIMÃ.** *(fora de cena)* Minha filha, onde está?

**MACUNAÍMA.** Danou-se! Danou-se!

*Entra Piaimã.*

**PIAIMÃ.** Que é isso minha filha! Onde achou esse malandro metido a espertalhão? Agora queimei! Que faz você aí com esse safado?

**FILHA DE PIAIMÃ.** Ele é herói, meu pai. Gosto muito dele, muito.

*Piaimã saca um revólver e segura Macunaíma.*

**PIAIMÃ.** Pois vosso herói vai morrer ainda agora!

**MACUNAÍMA.** Não me mate, seu gigante, que também tenho família.

**PIAIMÃ.** Que bem me importa!



**MACUNAÍMA.** Calma que se negocia.

**PIAIMÃ.** Mostra o dinheiro.

**MACUNAÍMA.** Dinheiro mesmo não tenho, mas se o senhor não me matar entrego esta pedra Vató, que faz fogo. Foi presente de Vei, a Sol. A boa da Sol, poncho dos pobres.

**PIAIMÃ.** Deixa eu ver. (*recebe a pedra e a examina*) Pois fico com a pedra, moço. E lhe acabo mesmo assim!

*Piaimã aponta o revólver para Macunaíma.*

**FILHA DE PIAIMÃ.** Foge herói!

*Macunaíma faz menção de fugir, mas Piaimã o derruba com um tiro.*

**FILHA DE PIAIMÃ.** Não!

*A filha de Piaimã cai por terra, chorando. Piaimã descarrega o revólver em Macunaíma, bala por bala. Saca então outro revólver e também o descarrega no herói.*

**FILHA DE PIAIMÃ.** Tanto que eu gostava dele...

**PIAIMÃ.** Você está é para sempre expulsa de minha casa!

**FILHA DE PIAIMÃ.** Pois agora parto sem escarcéu, se fui expulsa, voarei pro céu.

*Sai a filha de Piaimã, para o céu.*

**PIAIMÃ.** E vote em mim.

*O gigante cutuca Macunaíma para ter certeza de que ele está morto.*

**PIAIMÃ.** Agora que está bem morto.

*Sai Piaimã. Entra Jiguê, com café, cachimbo e dinheiro.*

**JIGUÊ.** (*assoprando e bebendo o café*) Cafezinho bom...

*Jiguê tropeça no cadáver do irmão.*

**JIGUÊ.** Eita, nós!

*Jiguê põe o café de lado e, murmurando uma prece, faz uma dança enquanto assopra fumaça de cachimbo em Macunaíma, que aos poucos vai acordando.*

**MACUNAÍMA.** Ai que preguiça...

**JIGUÊ.** Se acalme, meus cuidados.

**MACUNAÍMA.** Que foi, Jiguê?

**JIGUÊ.** Lhe mataram de novo.

**MACUNAÍMA.** Foi Piaimã. Foi ele sim. Foi ele que acertou bala em mim. Inda me levou uma pedra Vató, presente de Vei, a Sol. A boa da Sol, poncho dos pobres.

**JIGUÊ.** O mal ganhado, diabo leva. Paciência. *(oferecendo o café)* Tome aqui. Já você melhora.

**MACUNAÍMA.** E quem lhe arranjou dinheiro para comprar café?

**JIGUÊ.** Ganhei no bicho, mano. Na centena e no milhar. Não disse que dava um jeito?

**MACUNAÍMA.** Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são!

### **Cena 17**

*Na rua, um repórter confere anotações e testa seu material de trabalho. Macunaíma se aproxima.*

**REPÓRTER.** Que foi?

**MACUNAÍMA.** Faz três dias que não como, semana que não escarro. Adão foi feito de barro. Sobrinho, me dá um cigarro.

**REPÓRTER.** Me desculpe, meu parente, se um cigarro não lhe dou, a palha, o fosfre e o goiano caiu n'água, se molhou.

**MACUNAÍMA.** Pois não se incomode não que eu tenho.

*Macunaíma cata em algum bolso um cigarro e um isqueiro e acende.*

**REPÓRTER.** Tem um pra mim?

**MACUNAÍMA.** Pegue esse, que estou largando.

**REPÓRTER.** *(cada vez mais impaciente)* Já vai dar a hora! Logo mais tenho um trabalho, mas meu colega nunca chega. *(pausa)* Você fotografa?

**MACUNAÍMA.** Está me estranhando, sujeito? Respeito é bom e eu gosto.

**REPÓRTER.** Não é safadeza não, parente, qual! Fotografar é usar isso aqui, máquina câmara fotográfica, que se chama. É máquina que faz foto pro jornal. Sou repórter, não notou? Veja só.

*O repórter tira uma foto de Macunaíma, que cega com o flash.*

**MACUNAÍMA.** Ai, que eu cego, sobrinho, ai que eu cego!

**REPÓRTER.** Logo passa.

**MACUNAÍMA.** *(se recuperando)* Isso é coisa de Tupã, essa máquina, só pode!

**REPÓRTER.** Não é de Taiwan não, é americana,. Você não é da cidade, pelo visto.

**MACUNAÍMA.** Está me tomando por moita? Isso tudo que você disse eu já sabia. Estava era de piada.

**REPÓRTER.** E como é? Fotografa ou não fotografa.

**MACUNAÍMA.** Ô!

**REPÓRTER.** Pois pegue, então. Você me acompanha na entrevista.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**REPÓRTER.** Aceite, parceiro, pela nossa amizade!

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**REPÓRTER.** Lá vai tem jantar e tudo mais.

**MACUNAÍMA.** Está bem. Mas só dessa vez.

*O repórter entrega a máquina fotográfica e Macunaíma tenta manuseá-la. Muito desajeitado, o herói acaba segurando-a de um jeito absurdamente errado. O repórter, vendo a situação, ajuda Macunaíma colocando-lhe a máquina nas mãos na posição correta.*

**REPÓRTER.** Pronto. Na hora você olha por aqui e aperta aqui.

**MACUNAÍMA.** É que estou acostumado com as mais modernas.

**REPÓRTER.** Pois sim. Enquanto isso vamos indo, que senão passa da hora. Vista aqui o colete, pegue a mochila e bote o chapéu. Vamos logo atrás do entrevistado, que esse lugar não é bom pra se ficar esperando, não. É muito perigoso. Já mais de um colega veio fazer essa entrevista e não voltou. Muito perigoso isso aqui está.

**MACUNAÍMA.** Pouca saúde e muita saúde os males do Brasil são!

**REPÓRTER.** Está certo. Vou anotar o que você disse, depois boto no jornal. Mas vamos em frente, que o entrevistado é importante.

**MACUNAÍMA.** Quem que é?

**REPÓRTER.** Venceslau Pietro Pietra, gigante Piaimã.

**MACUNAÍMA.** Danou-se.

**REPÓRTER.** Que foi?

**MACUNAÍMA.** Piaimã já andou esbarrando em mim, parceiro. E não me ama muito não.

**REPÓRTER.** E vestido assim de fotógrafo, quem lhe reconhece?

**MACUNAÍMA.** Será?

**REPÓRTER.** Lhe digo. Vamos.

*Saem em direção à casa de Piaimã.*

## **Cena 18**

*Casa de Piaimã.*

*Piaimã está diante de uma máquina, a qual tem na porta da frente uma janela que, quando aberta, deixa à mostra o rosto de quem está dentro. No momento a janela está fechada, mas de dentro da caixa vem um grito: “Não me mate, seu gigante, que eu também tenho família!”.*

**PIAIMÃ.** Que bem me importa!

*Piaimã liga a máquina, ouvem-se seu motor e seus mecanismos funcionando, em meio aos gritos de dor e desespero do coitado que está dentro.*

**PIAIMÃ.** Balança que vos digo!

*A máquina emite um som de descarga de privada e os gritos por fim cessam.*

**PIAIMÃ.** Polenta no pobre, pobre na polenta!

*Piaimã dá uma volta na caixa e quando sai de trás dela vem trazendo consigo uma panela cheia de polenta, resultado da trituração do infeliz que estava dentro.*

**PIAIMÃ.** Isso que sim!

*Piaimã come com voracidade e maus modos. Ouvem-se batidas na porta.*

**PIAIMÃ.** Que é que há?

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* Abra a porta pra mim entrar!

**PIAIMÃ.** Quem que vem?

**REPÓRTER.** *(fora de cena)* A imprensa, ora! Quem mais?

**PIAIMÃ.** Já que chego.

*Piaimã come mais algumas colheradas de polenta e vai abrir a porta.*

**PIAIMÃ.** Vamos entrando.

*Entram o repórter e Macunaíma, disfarçado de fotógrafo.*

**REPÓRTER.** Boa tarde, seu Venceslau.

**PIAIMÃ.** Boa. *(para Macunaíma)* Você parece uma pessoa que eu conheço, mas já morreu.

**REPÓRTER.** É nosso fotógrafo.

**MACUNAÍMA.** *(se achegando da polenta)* Pode provar?

**PIAIMÃ.** Toda sua.

*Macunaíma come da polenta com mais voracidade e maus modos que Piaimã.*

**REPÓRTER.** É a polenta da campanha?

**PIAIMÃ.** Isso. “Polenta no pobre, pobre na polenta”, é o que digo.

**REPÓRTER.** Pode provar?

**PIAIMÃ.** Toda sua.

*O repórter afasta Macunaíma com um safanão e come com ainda mais voracidade e maus modos que o herói.*

**PIAIMÃ.** Está bom de sal?

**REPÓRTER.** No ponto. Qual é o segredo?

**PIAIMÃ.** Suor.

**REPÓRTER.** Como?

**PIAIMÃ.** Suor, parceiro. Trabalho duro.

**REPÓRTER.** Ah...

**PIAIMÃ.** Mas e como é? Faz a entrevista ou não?

**REPÓRTER.** *(ainda com a boca cheia)* Um hum...

*O repórter come umas últimas colheradas e vai ter com Piaimã. Nisso Macunaíma aproveita para assumir o posto, comendo a polenta.*

**REPÓRTER.** Primeiramente, seu Venceslau, como o senhor pretende garantir polenta suficiente para acabar com a fome na cidade grande?

**PIAIMÃ.** Antes da gente continuar, o senhor peça a vosso colega esperar lá fora.

**REPÓRTER.** Mas é o fotógrafo. Veio documentar a reportagem, não foi?

**MACUNAÍMA.** *(sem se desligar da polenta, concorda de boca cheia)* Um hum...

**PIAIMÃ.** É que ainda não tenho jeito de falar para muita gente.

**REPÓRTER.** Pois está bem. *(para Macunaíma)* O colega me espere lá fora que depois lhe chamo para a foto.

**MACUNAÍMA.** *(concorda outra vez de boca cheia)* Um hum...

*O repórter e o gigante continuam esperando Macunaíma, que continua comendo, só que com mais pressa.*

**REPÓRTER.** Como é? Sai ou não sai?

**MACUNAÍMA.** Um hum...

*Macunaíma não sai, continua comendo com ainda mais pressa. O gigante vai até ele, agarra-o e o arremessa para fora de cena.*

**PIAIMÃ.** Quando chamar, você vem!

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena, ainda de boca cheia)* Um hum...

**PIAIMÃ.** Ponto, pergunte que eu secundo.

**REPÓRTER.** O senhor acha mesmo que acabando com a fome terá resolvido todos os problemas da cidade?

**PIAIMÃ.** Acho.

**REPÓRTER.** *(após uma pausa)* Só isso?

**PIAIMÃ.** O quê?

**REPÓRTER.** A resposta.

**PIAIMÃ.** E qual foi a pergunta?

**REPÓRTER.** O senhor acha mesmo que acabando com a fome terá resolvido todos os problemas da cidade?

**PIAIMÃ.** Acho.

**REPÓRTER.** *(anotando a resposta mínima)* Bom, tudo bem... Assim acaba rápido e vou logo embora. Está muito perigoso, isso aqui, Seu Vebceslau. Imagine que já mais de um colega veio fazer essa entrevista e desapareceu. O senhor não acha um absurdo que a falta de segurança pública tenha chegado a esse nível?

**PIAIMÃ.** Acho.

**REPÓRTER.** E com relação à saúde-

**PIAIMÃ.** Acho também. Quer ver a máquina?

**REPÓRTER.** Como?

**PIAIMÃ.** Quer ver a máquina de fazer polenta? É a mais perfeita que há.

**REPÓRTER.** Depois.

**PIAIMÃ.** Mas queria tanto lhe mostrar...

**REPÓRTER.** Não pode ser mais tarde?

**PIAIMÃ.** Melhor agora, que vai funcionar.

**REPÓRTER.** Pois bem. Mas depois voltamos à entrevista. É que embora sua campanha seja um notório sucesso, o único ponto abordado pelo senhor é “Polenta no pobre, pobre na polenta”, não é isso?

**PIAIMÃ.** Ande logo.

*O gigante apresenta a máquina.*

**REPÓRTER.** Interessante. Como funciona?

**PIAIMÃ.** Aqui entra a matéria-prima. Depois fecho a porta, ligo a máquina e a polenta sai ali atrás.

**REPÓRTER.** E por que é tão grande?

**PIAIMÃ.** Está pensando que a fome da cidade grande é pouca? Chegue mais perto.

**REPÓRTER.** Já deu para ter uma idéia.

**PIAIMÃ.** De perto você vê melhor.

**REPÓRTER.** Não precisa.

**PIAIMÃ.** Entre, que senão não tem entrevista.

**REPÓRTER.** Mas eu já vi.

**PIAIMÃ.** É para ver bem de perto.

**REPÓRTER.** Daqui está bom?

**PIAIMÃ.** Mais de perto.

**REPÓRTER.** Mais ainda?

**PIAIMÃ.** Mais um pouco.

**REPÓRTER.** Daqui está bom?

**PIAIMÃ.** Quase, só falta entrar.

**REPÓRTER.** Entrar?

**PIAIMÃ.** É

**REPÓRTER.** Não precisa, candidato, qual!

**PIAIMÃ.** Balança que vos digo!

*Piaimã empurra o repórter para dentro da máquina, fecha a porta e abre a janelinha.*

**PIAIMÃ.** Agora está bom.

**REPÓRTER.** O senhor vai fazer o quê?

**PIAIMÃ.** Polenta, ué!

**REPÓRTER.** Comigo aqui dentro?

**PIAIMÃ.** “Polenta no pobre, pobre na polenta”.

**REPÓRTER.** Mas então-

**PIAIMÃ.** Isso mesmo.



**REPÓRTER.** Não faça isso, candidato, tenha piedade.

**PIAIMÃ.** Tenho nada!

**REPÓRTER.** E agora?

**PIAIMÃ.** Diga vossas últimas palavras.

**REPÓRTER.** Ah, se eu possuísse meu pai e minha mãe a meu lado eu não estava sofrendo nas mãos desse malvado!

**PIAIMÃ.** Que bem me importa!

*Piaimã fecha a janelinha e liga a máquina. Ouvem-se o motor, os mecanismos e os gritos do repórter. Piaimã se apressa com a panela de polenta para trás da máquina. Ouve-se o barulho de descarga e cessam os gritos. Volta Piaimã com mais polenta.*

**PIAIMÃ.** “Polenta no pobre, pobre na polenta”. *(chama Macunaíma)* Fotógrafo! *(pausa)* Fotógrafo! *(outra pausa)* Fotógrafo!

*Sai Piaimã. Macunaíma é arremessado para dentro de cena. Volta Piaimã.*

**PIAIMÃ.** Querendo fugir por que?

**MACUNAÍMA.** Não era fugir não, candidato, qual! Era só testando a porta.

**PIAIMÃ.** Estava espiando?

**MACUNAÍMA.** Não, passeando.

**PIAIMÃ.** Olha...

**MACUNAÍMA.** Juro. Pela alma de minha mãe. Não presenciei nada. E cadê meu colega?

**PIAIMÃ.** Já foi, estava com pressa. Agora é com você.

*Macunaíma se posiciona para fotografar.*

**PIAIMÃ.** Entre na máquina.

**MACUNAÍMA.** O quê?

**PIAIMÃ.** Entre na máquina, fotógrafo! Vai fazer foto como?

**MACUNAÍMA.** E tem que ser lá de dentro?

**PIAIMÃ.** De lá fica melhor. Dá para pegar aqui o fundo.

**MACUNAÍMA.** Pois bem.

*Macunaíma se aproxima da máquina, mas quando o gigante chega perto ele se afasta.*

**PIAIMÃ.** Como é? Entra ou não entra?

**MACUNAÍMA.** É que está faltando alguma coisa.

**PIAIMÃ.** O quê?

**MACUNAÍMA.** Algo de valor, para impressionar na foto.

**PIAIMÃ.** Será?

**MACUNAÍMA.** Ô!

**PIAIMÃ.** O quê, então?

**MACUNAÍMA.** Uma jóia, talvez.

**PIAIMÃ.** Uma jóia? Não sei não, companheiro. Meu lema é “Polenta no pobre, pobre na polenta”. Se apareço com jóia, complica.

**MACUNAÍMA.** E já viu pobre que não gosta de jóia? Abra do olho, candidato!

**PIAIMÃ.** Será?

**MACUNAÍMA.** Garanto.

**PIAIMÃ.** Pois então pego algum broche.

**MACUNAÍMA.** Broche, não. Melhor colar.

**PIAIMÃ.** E por quê?

**MACUNAÍMA.** Broche não está mais na moda.

**PIAIMÃ.** É foto colorida?

**MACUNAÍMA.** Ô!

**PIAIMÃ.** Pois pego uma corrente de ouro, qualquer coisa assim brilhosa.

**MACUNAÍMA.** Corrente de ouro não serve não.

**PIAIMÃ.** Está me fazendo de palhaço?

**MACUNAÍMA.** Não, candidato, juro! Pela alma de minha mãe. Mas é melhor coisa mais rara. Corrente de ouro não impressiona mais. Não tem nada diferente não? Alguma raridade?

**PIAIMÃ.** Até que tem. Já lhe mostro.

*Sai Piaiã e Macunaíma aproveita para comer mais polenta. Volta Piaiã.*

**PIAIMÃ.** Voltei.

**MACUNAÍMA.** Um hum...

**PIAIMÃ.** Veja se isto serve.

*Piaiã mostra a Muiraquitã.*

**MACUNAÍMA.** É ela. É ela sim.

**PIAIMÃ.** E essa cara de choro?

**MACUNAÍMA.** Nada.

**PIAIMÃ.** Muito bem. Entre na máquina.

*Macunaíma se aproxima da máquina.*

**MACUNAÍMA.** Pensando bem, melhor o senhor ficar na frente dela, afinal quem não quer saber de onde virá tanta polenta?

**PIAIMÃ.** Pois ande logo. Mas depois você faz a foto que quero, lá de dentro da máquina.

**MACUNAÍMA.** Feito.

*Piaiã se posiciona ao lado da máquina. Macunaíma se prepara para fotografar, mas desiste.*

**PIAIMÃ.** Que foi?

**MACUNAÍMA.** Abra a porta, seu Venceslau. Aí que impressiona de vera!

**PIAIMÃ.** Você é muito é do renitente, fotógrafo!

**MACUNAÍMA.** Mas se é para seu bem, gente!

**PIAIMÃ.** Pois pronto.

*Piaiã abre a porta da máquina.*

**MACUNAÍMA.** Agora, mais sorridente... Isso. Agora assim mesmo sorrindo fique um pouco mais valente, que é disso que o povo gosta! Muito bem.

*Macunaíma, com suas indicações, passa a conduzir o gigante à entrada da máquina.*

**MACUNAÍMA.** Agora mais para o lado. Para esse lado não, para o outro. Mais um pouco, um pouco mais, só mais um passo. Aí, não se mexa.

*O gigante está à frente da porta aberta da máquina de fazer polenta, Macunaíma dispara o flash*

**MACUNAÍMA.** Juque!

**PIAIMÃ.** Ai que eu cego, parceiro, ai que eu cego!

**MACUNAÍMA.** Juque de novo!

*Macunaíma empurra Piaimã, ainda incandeado pelo flash, para dentro da máquina, arranca-lhe a Muiraquitã do pescoço e tranca a porta.*

**PIAIMÃ.** Que foi isso, fotógrafo desgraçado?

**MACUNAÍMA.** Sou fotógrafo não, sou Macunaíma, o herói, bocó de mola.

**PIAIMÃ.** Me tire daqui, patrício, tenha piedade.

**MACUNAÍMA.** Tenho nada, eu é que não tenho mesmo!

**PIAIMÃ.** E agora?

**MACUNAÍMA.** Diga vossas últimas palavras.

**PIAIMÃ.** Lem, lem, lem... Se dessa eu escapar, nunca mais como ninguém! E vote em mim.

**MACUNAÍMA.** Voto não. *(fecha a janelinha)* Balança que vos digo!

*Macunaíma liga a máquina. Iniciam outra vez o ruído do motor, os mecanismos e, agora, os gritos do gigante. Algo parece estar indo errado, porque a máquina trabalha por mais tempo que nas outras vezes, sem dar o barulho de descarga. Macunaíma desliga a máquina e abre a janelinha.*

**MACUNAÍMA.** Por que é que não funciona, gente?

**PIAIMÃ.** *(já quase morto)* Falta queijo!

**MACUNAÍMA.** Vai sem queijo!

*Macunaíma fecha a janelinha e liga a máquina em potência total. Os ruídos e os gritos são ensurdecedores. Por fim, vem a descarga e o silêncio.*

*Macunaíma está com a Muiraquitã nas mãos chorando comovido e beijando-a longamente, longamente. Enquanto isso, repete:*

**MACUNAÍMA.** Muiraquitã, Muiraquitã da minha bela, vejo você mas não vejo ela...

## **Cena 19**

*Escuridão absoluta. Um ruído ensurdecedor de cidade toma conta da sala. Aos poucos a barulheira vai perdendo a força e dando lugar aos sons de uma floresta.*

*Logo mais se ouvem piados espaçados, um arrulho, um currupaco, outro pio e assim por diante. Todos estes sons de pássaros vão se repetindo com menor intervalo e em maior intensidade, e tanto que daí a pouco o barulho dos pássaros é tão ensurdecedor quanto era o da cidade grande.*

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* Ara, gente! Sou eu de volta sim, mas não carece tanto! Psiu! Chega. Psiu!

*A medida que o barulho cresce, o palco vai sendo iluminado e vemos outra vez a maloca no Uraricoera, só que em pior estado que antes. O abandono do lugar deixou suas marcas.*

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* Vaca amarela cagou na panela, quem piar primeiro come toda bosta dela, dem-de-lem chegou!

*Imediatamente silenciam todos os pássaros.*

**MACUNAÍMA.** *(após uma pausa, fora de cena)* Está perto, Jiguê?

**JIGUÊ.** *(fora de cena)* Está quase.

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* Está quase já faz é tempo...

**MACUNAÍMA.** *(após uma pausa, fora de cena)* Está perto, Jiguê?

**JIGUÊ.** *(fora de cena)* Está quase.

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* Está quase já faz é tempo...

*Após uma pausa, os dois entram em cena. Macunaíma sendo carregado nas costas de Jiguê. O herói está coberto por bugigangas, mercadorias inúteis e brilhosas que adquiriu antes de deixar a cidade grande. São correntes, pulseiras, relógios, óculos escuros, boné... Tudo de qualidade e bom gosto nitidamente duvidáveis.*

**MACUNAÍMA.** Está perto, Jiguê?

**JIGUÊ.** *(lançando Macunaíma ao chão)* Pronto, chegou.

**MACUNAÍMA.** Eita, nós, Jiguê! Eita, mundão! De volta pra nossa querência, mano! Pra beira do Uraricoera!

*Macunaíma, excitado com a volta ao Uraricoera, zanza de cima abaixo. Mexe nas coisas, dança, pula, não se controla. Jiguê só olha em volta, constata os estragos.*

**MACUNAÍMA.** Puxavante! Que satisfa imensa, gente! Olha nós, Jiguê! Olha nós de volta! Filhos do mato outra vez, marupiaras de novo, isso que!

**JIGUÊ.** Tem muito que fazer por aqui, mano. Espia a cara disso. Trabalho muito!

**MACUNAÍMA.** *(perdendo de súbito o entusiasmo)* Trabalho, Jiguê?

**JIGUÊ.** É.

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

**JIGUÊ.** Ara, mano, quem não trabuca não manduca. Olhe nossa querência como está. É de se deixar assim?

**MACUNAÍMA.** É nossa casa, mano. De todo jeito é bonita. Deixe assim como está mesmo que já me agrada...

**JIGUÊ.** *(começando o trabalho)* Não senhor, meus cuidados, não venha me engabelar que não caio. Vá fazendo alguma coisa.

**MACUNAÍMA.** Jiguê, tenha coração! Vê lá se eu ia fugir de trabalho. Não sou disso, qual! Mas já está tão bonito assim...

*Macunaíma se põe a chorar.*

**JIGUÊ.** Para quê tanto choro, mano? Deixe disso.

**MACUNAÍMA.** É que meu peito abre bem, só de ver!

**JIGUÊ.** Tão feliz que estava ainda agora! O pior já passou, cidade grande ficou pra trás.

**MACUNAÍMA.** Decerto, Jiguê. Decerto. Mas falando de cidade grande uma saudade sempre que fica. Não se vai negar que lá bem tinha muitas filhinhas da mandioca para se brincar, muitas! Mani... Filhinhas da mandioca... Branquinhas ver garça real. Tão bom que era.

**JIGUÊ.** Você não sabe o que quer, meus cuidados. Que é que tem que pensar agora nas filhinhas da mandioca? Não está aí a Muiraquitã?

*À menção da Muiraquitã, Macunaíma volta a chorar.*

**MACUNAÍMA.** Muiraquitã, Muiraquitã da minha bela. Vejo você mas não vejo ela...

**JIGUÊ.** Deixa disso, mano. Anda trabalhar!

**MACUNAÍMA.** *(sempre choramingando)* Me diga Jiguê, se posso trabalhar assim como estou. Quem tem seus amores longe passa trabalhos trianos! *(mirando o céu)* Ci! Ci! Que é de você, mãezinha? Repare a Muiraquitã. Peguei de volta, Ci. Cadê você?

**JIGUÊ.** Ara, que tanta agonia! Vou campear cidreira promode você mascar e sossegar bem. Mas já que volto. Aí começa o trabalho.

**MACUNAÍMA.** Muiraquitã, Muiraquitã da minha bela. Vejo você mas não vejo ela...

*Sai Jiguê. Macunaíma passa a entoar um canto triste.*

**MACUNAÍMA.** Rudá! Rudá!  
Tu que estás no céu  
E manda nas chuvas  
Rudá! Faz com que minha amada  
Por mais companheiros que arranje  
Ache que todos são frouxos!  
Assopra nessa marvada  
Sodades do seu marvado!  
Faz com que ela se lembre de mim amanhã  
Quando a Sol for-se embora no poente!

*Macunaíma volta a chorar as saudades de sua amada. Aos poucos, percebe um canto ao longe. É a mesma cantiga que Iriqui entoava quando Jiguê e Macunaíma a deixaram no Uraricoera. Macunaíma percebe o canto e tenta descobrir sua origem. Sai de cena, espreitando e farejando.*

**MACUNAÍMA.** *(fora de cena)* Iriqui! Iriqui! Está aí você, gente! Ora se!

*Muitos risos. Entra Iriqui correndo, faceira. Macunaíma vem logo atrás cutucando-lhe. Se abraçam, rolam no chão entre risadas. Macunaíma começa a apontar a Iriqui as muitas coisas que comprou na cidade grande.*

**MACUNAÍMA.** *(mostrando um objetos)* Espia aqui, Iriqui! Não é bonito?

*Iriqui concorda, risonha.*

**MACUNAÍMA.** *(mostrando outro objeto)* Espia aqui, Iriqui! Não é bonito?

*Iriqui concorda, risonha.*

**MACUNAÍMA.** *(mostrando outro objeto)* Espia aqui, Iriqui! Não é bonito?

*Iriqui concorda, risonha.*

**MACUNAÍMA.** *(mostrando o chuí)* Pois espia aqui, safada! Não é bonito?

*Iriqui explode numa gargalhada, concordando.*

**MACUNAÍMA.** Furrum fum fum!

*Começam a brincadeira. Entra Jiguê, com a erva cidreira, mas quando vê o irmão com a linda Iriqui, joga a cidreira no chão e sai, enraivecido.*

## **Cena 20**

*Num canto, Iriqui está chorando. Permanece assim longamente. Ela funga, soluça e choramanga mas, a princípio, não recebe nenhuma atenção de Jiguê ou de Macunaíma.*

*O choro de Iriqui é irritante e como ela nunca pára Jiguê vai ficando cada vez mais impaciente.*

**JIGUÊ.** Está bom, linda Iriqui, já chega. *(pausa)* Também não é para tanto. *(pausa)* Ara que não pára nunca! *(para Macunaíma)* Vai deixar por isso mesmo, mano?

**MACUNAÍMA.** Nem escuta a zoada da mutuca.

**JIGUÊ.** Não está vendo linda Iriqui triste de não ter jeito, chorando de não ter fim?

**MACUNAÍMA.** Oi que sol de inverno, chuva de verão, choro de mulher e palavra de ladrão, ei ei ei... ninguém não caia não!

*Iriqui chora, cada vez mais triste.*

**JIGUÊ.** Brinque com ela ao menos um pouquinho.

**MACUNAÍMA.** Jacaré brinca? Nem eu!

*Jiguê desiste de tentar convencer Macunaíma. Iriqui sempre chorando. Jiguê está cada vez mais impaciente.*

**JIGUÊ.** Mano, faça alguma coisa!

**MACUNAÍMA.** Vá caçar nosso decumê que brinco com Iriqui.

**JIGUÊ.** Jacaré vai? Nem eu!

**MACUNAÍMA.** Então fique ouvindo choro!



**JIGUÊ.** Ora, se lá vou caçar... Desde que se voltou pra beira do Uraricoera você não faz nada, mano. Nadica de nada e ainda atrapalha. Pois se é assim, já disse: não caço mais. Fique com fome!

**MACUNAÍMA.** E você ouvindo choro!

*Iriqui chora sem ter fim.*

**JIGUÊ.** Culpa sua, meus cuidados! Culpa sua!

**MACUNAÍMA.** Você tem cada uma que parece que é duas, Jiguê. Me diga como eu ia trabucar se tive que ir atrás da consciência?

**JIGUÊ.** Isso já faz tempo, mano, qual! Já faz dias! Já achou consciência, já botei de volta no canto, já colou e tudo mais. De lá pra cá um isso não fez.

**MACUNAÍMA.** Mas, mano, entenda que minha consciência, a minha de vera não achei. Peguei foi a de um hispano-americano, que ainda está zunindo na cabeça.

**JIGUÊ.** Vá tomar banho! Você com a consciência de um hispano americano se dá é muito do bem. Não faz nada porque não quer. Hoje mesmo, que foi que fez? Nada!

**MACUNAÍMA.** Pois fiz, sim senhor. Taí, que fiz!

**JIGUÊ.** O quê?

**MACUNAÍMA.** Fui caçar inhambu-guaçu, mas com a bulha tamanha do choro de Iriqui, nhambu escapuliu.

**JIGUÊ.** (*desconfiando*) Mano...

**MACUNAÍMA.** Lhe digo!

**JIGUÊ.** Não fez nada não, que eu sei. Pois fica aí arado de fome, meus cuidados. Fica com fome, que caçar também não vou.

**MACUNAÍMA.** Pois fique aí ouvindo choro!

*Iriqui chora muito.*

**JIGUÊ.** Ande, Iriqui, eu brinco com você.

*Iriqui redobra o desespero do choro ao ouvir a proposta de Jiguê. Macunaíma ri. Jiguê se envergonha da desfeita de Iriqui.*

*Depois de um tempo, o choro da cunhã vai se transformando, Iriqui tenta se controlar, engole os últimos soluços, enxuga as lágrimas, assoa o nariz e, muito pesarosa, levanta-se e faz menção de sair.*

**JIGUÊ.** Aonde você vai, linda Iriqui?

*Iriqui aponta para o céu.*

**JIGUÊ.** Diga alguma coisa, mano, não deixe ela ir!

**MACUNAÍMA.** *(se rindo)* Caboclo de Taubaté, cavalo pangaré e mulher que mija em pé, libera nós, Dominé!

*Sai Iriqui.*

**JIGUÊ.** Pronto. Iriqui foi pro céu, mano, e nunca mais que volta. Satisfeito?

**MACUNAÍMA.** Que bem me importa! Quero saber se você caça ou não.

**JIGUÊ.** Por mim, meus cuidados morre de fome! Vou caçar, sim. Mas o que eu pegar, não lhe dou. Não lhe dou e pronto!

**MACUNAÍMA.** Não dá não, né, Jiguê?

**JIGUÊ.** Não.

*Sai Jiguê.*

**MACUNAÍMA.** Pois deixa estar que te arranjo! *(da rede, grita para o irmão)* Deixa estar que te arranjo, Jiguê!

**JIGUÊ.** *(fora de cena, responde)* Vá catar piolho em cobra!

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça...

## **Cena 21**

*Macunaíma ainda está na rede, de onde espreita Jiguê, que come o resultado de sua caça, sem se importar com a fome do irmão.*

**MACUNAÍMA.** Está bom, Jiguê?

**JIGUÊ.** Ô!

**MACUNAÍMA.** Mesmo?

**JIGUÊ.** Melhor que esse, só dois desse.

**MACUNAÍMA.** Sei. Mas será se está bom mesmo, de vera?

**JIGUÊ.** Larilará, mano. Demais da conta.

**MACUNAÍMA.** Sei não.

**JIGUÊ.** Eu que sei.

**MACUNAÍMA.** Pois me deixe provar.

**JIGUÊ.** Deixo não. Fique aí, com cara de André, passando fome até Manuel chegar.

**MACUNAÍMA.** Também, nem queria.

**JIGUÊ.** Sei.

**MACUNAÍMA.** Daqui dá pra ver que está cru. Caça crua assim não gosto. Você que come qualquer porqueira, Jiguê. Faz pena. Deve de estar é ruim demais. Ruim como três dias de chuva. *(pausa)* Ai, que preguiça...

*Jiguê come por mais um tempo e pára, saciado.*

**JIGUÊ.** Eita, que já estou cheio e ainda sobrou um pedaço. Queria, mano?

**MACUNAÍMA.** Eu?

**JIGUÊ.** É.

**MACUNAÍMA.** Eu?

**JIGUÊ.** Você.

**MACUNAÍMA.** Pois eu queria, Jiguê, bem que queria!

**JIGUÊ.** Coce a virilha! *(Jiguê ri da troça que fez com Macunaíma)* Já disse que um isso não lhe dou.

**MACUNAÍMA.** É assim, né?

**JIGUÊ.** Um hum...

**MACUNAÍMA.** Pois deixe estar, jacaré, que tua lagoa vai secar.

**JIGUÊ.** Nem escuta a zoada da mutuca.

**MACUNAÍMA.** Deixe estar, que te arranjo.

*Jiguê volta ao trabalho. Macunaíma tira da rede um pequeno embrulho de pano, uma trouxinha minúscula. Abre-o, examina seu conteúdo e, de longe, espreita Jiguê, se rindo. Torna a amarrar o embrulhinho e, como quem não quer nada, vai se achegando do irmão.*

**MACUNAÍMA.** Jiguê.

**JIGUÊ.** Que foi?

**MACUNAÍMA.** Nada.

**JIGUÊ.** Pois me deixe em paz.

**MACUNAÍMA.** Então tá. *(após uma pausa)* Jiguê.

**JIGUÊ.** Meus cuidados, você não faz nada e ainda atrapalha!

**MACUNAÍMA.** Não é isso não, Jiguê.

**JIGUÊ.** E o que é, afinal?

**MACUNAÍMA.** É que eu queria lhe dar um presente.

**JIGUÊ.** Presente?

**MACUNAÍMA.** É.

**JIGUÊ.** Para mim?

**MACUNAÍMA.** Para quem mais, ora pois, se Iriqui foi pro céu e nunca mais que volta?

**JIGUÊ.** Mano...

**MACUNAÍMA.** Que foi, Jiguê? Já está com desconfiança. Somos manos ou não?

**JIGUÊ.** Bem que sim.

**MACUNAÍMA.** Pois então pegue.

*Macunaíma entrega a Jiguê o embrulhinho.*

**JIGUÊ.** Que é, mano?

**MACUNAÍMA.** Um anzol, não está vendo?

**JIGUÊ.** Anzol?

**MACUNAÍMA.** É. Pra você. Faz tempo que você não pesca, Jiguê. Maginei que ia gostar.

**JIGUÊ.** Gostei muito, meus cuidados, demais da conta. Agora, com presente ou sem presente, lhe digo que minha jura não muda. Se você não trabalhar, nada não lhe dou pra comer.

**MACUNAÍMA.** Por isso não, Jiguê, que minha jura também não muda.

**JIGUÊ.** Qual era mesmo sua jura?

**MACUNAÍMA.** Que uma hora lhe arranjo.

**JIGUÊ.** Ah, era mesmo.

**MACUNAÍMA.** Mas somos manos, não convém tanta briga.

**JIGUÊ.** Lá isso é.

**MACUNAÍMA.** Pois então.

*Jiguê analisa o anzol.*

**JIGUÊ.** Mano, esse anzol é mesmo bom?

**MACUNAÍMA.** Esse aí? Xispeteó!

**JIGUÊ.** Pois deixa ver se é mesmo.

*Jiguê, finalmente, resolve tirar o anzol do embrulho. O anzol entra em sua mão.*

**JIGUÊ.** *(sentindo muita dor)* Ai, mano, anzol me entrou na mão!

**MACUNAÍMA.** *(se divertindo)* Não disse que lhe arranjava? Disse! Você não me ouviu, agora está aí!

**JIGUÊ.** Me ajude, mano!

**MACUNAÍMA.** Sinto muito, mas chorar não posso.

*Por fim, num grito de dor, Jiguê consegue arrancar o anzol da palma da mão. Leva um tempo para se recuperar da dor.*

**JIGUÊ.** Mano, isso é coisa que se faça?

**MACUNAÍMA.** Você é bobo demais da conta, Jiguê. Aquilo não era anzol nem nada.

**JIGUÊ.** E era o quê?

**MACUNAÍMA.** Presa de sucuri.

*Macunaíma se diverte a valer. Algo muda em Jiguê e ele se queda pensativo.*

**MACUNAÍMA.** Cara feia é essa, mano? Você que começou! Quis me afrontar, está aí o resultado.

**JIGUÊ.** *(muito sereno, após uma pausa)* Vou morrer, mano.

**MACUNAÍMA.** Ara que tanto drama! Por conta duma feridinha de nada.

**JIGUÊ.** Vou morrer.

**MACUNAÍMA.** Deixe de lero-lero Jiguê!

**JIGUÊ.** Ferida de presa de sucuri não tem cura. Ferida vai crescer bem, vai comer meu corpo todo e vou virar numa sombra.

**MACUNAÍMA.** Campeie aí alguma folha pra mastigar que logo ferida sara.

**JIGUÊ.** Ferida de presa de sucuri não tem folha que cura.

**MACUNAÍMA.** Então alguma casca, cipó, terra ou mesmo farofa de formiga, alguma coisa deve de ter.

**JIGUÊ.** Não tem.

*Longa pausa.*

**MACUNAÍMA.** Está falando de vera, mano?

**JIGUÊ.** Vou morrer.

**MACUNAÍMA.** E não tem nada? Nada que cure?

*Jiguê não responde.*

**MACUNAÍMA.** Eu não sabia, mano. Não sabia não.

*Jiguê procura um lugar para se acocorar e esperar a morte. Macunaíma vai sentar-se a seu lado. Ficam assim, lado a lado, em silêncio, pensativos, sem se fitar. Num dado momento, Macunaíma passa o braço em volta de Jiguê. Um tempo depois, o irmão retribui. Ficam assim os dois, abraçados, em silêncio.*

**MACUNAÍMA.** Fique triste não, Jiguê. Somos manos, não somos?

## **Cena 22**

*Macunaíma está só. Completamente só. Olha em volta, não há ninguém. Por um tempo fica assim, de um lado para o outro, procurando o que fazer. Nada. A ausência de gente e de sons lhe incomoda profundamente. Ele não sabe o que fazer. Está atordoado, embora ainda suporte bem a solidão que se iniciou. Nada.*

**MACUNAÍMA.** Ai, que preguiça.

### Cena 23

*Macunaíma parece ter descoberto algo para passar o tempo. Está cantando e dançando:*

**MACUNAÍMA.** Seu Manué que vem do Açu  
Seu Manué que vem do Açu  
Vem carregadinho de folha de caju!

Seu Manué que vem do sertão  
Seu Manué que vem do sertão  
Vem carregadinho de rama de algodão!

Seu Manué que vem do Açu  
Seu Manué que vem do Açu  
Vem carregadinho de folha de caju!

Seu Manué que vem do sertão  
Seu Manué que vem do sertão  
Vem carregadinho de rama de algodão!

*Macunaíma cansa de cantar e, depois de um tempo, movido pelo tédio canta de novo. Fica nisso por um tempo, cada vez mais sem vontade. Está enfiado com a situação, inquieto.*

### Cena 24

*Macunaíma anda de um lado para o outro, nervoso, inquieto, afobado, estapeando o ar.*

### Cena 25

*Macunaíma, no chão, contraído, grita e grita, longamente. Grita.*

### Cena 26

*Macunaíma ainda grita, no chão, até que, exausto, passa a chorar como uma criança.*

*Ao longe, ouve-se um canto, uma valsinha sendo solfejada. Macunaíma não parece perceber, continua choramingando.*

*Lentamente o canto se aproxima, mais e mais, até que entra, bailando, a Uiara, uma donzela com uma longa trança. Ela se aproxima do herói choroso e, com a ponta da trança, faz-lhe cócegas na barriga.*

*Macunaíma vai parando de choramingar e passa ao riso safado, gostando muito das cócegas da donzela. Logo ele já parece outra pessoa e se põe a perseguir a donzela, também bailando.*

*Há um dançante jogo de sedução. A Uiara se aproxima do herói e se afasta, em sua valsa cantada, se esquivando bem a tempo. Macunaíma se diverte muito com a brincadeira, sempre tentando (embora sem sucesso) agarrar a Uiara.*

*O herói resolve então preparar seu bote. Afasta-se, põe-se à espreita, espera o melhor momento e ataca:*

**MACUNAÍMA.** Juke!

*No que Macunaíma avança na Uiara, ela o domina. Seu canto se converte num grito assustador e suas feições se transformam. Ela envolve o pescoço do herói com sua trança e o estrangula, Macunaíma se debate, tentando respirar, mas não consegue se livrar do laço da Uiara.*

*Entra Vei, que olha a situação e se diverte, gargalhando.*

*Quando o herói, enforcado pela Uiara, pára de se mexer, esta o liberta do laço.*

*Macunaíma convalesce no chão.*

*Vei se aproxima do herói.*

**VEI.** Não disse que um dia eu voltava? (*arranca-lhe a Muiraquitã do pescoço*) Disse. Disse sim. Pois taí!

*Vei cospe na cara de Macunaíma e sai com a Uiara, as duas se rindo.*

*Macunaíma está muito debilitado. Tenta levantar, não consegue. Leva a mão ao peito e percebe então que já não tem mais a Muiraquitã.*

**MACUNAÍMA.** (*cada vez com menos força na voz*) Lembrança, lembrança da minha marvada, não vejo você, nem ela, nem nada... Lembrança, lembrança da minha marvada, não vejo você, nem ela, nem nada...

*A voz de Mário de Andrade é ouvida juntamente com a de Macunaíma.*

**MACUNAÍMA E VOZ DE MÁRIO DE ANDRADE.** Lembrança, lembrança da minha marvada, não vejo você, nem ela, nem nada...

*Macunaíma, aparentemente, dá seu último suspiro.*

*Entra Mário de Andrade.*

**MÁRIO DE ANDRADE.** “Lembrança, lembrança da minha marvada, não vejo você, nem ela, nem nada”, que ele repetiu. Não havia mais ninguém lá. Os filhos da tribo Tapanhumas se acabaram de um em um. Aqueles lugares, aqueles campos, furos, puxadouros, arrastadouros, meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era a solidão do deserto. Um silêncio imenso dormia à beira do Uraricoera. Não havia mais ninguém lá. Acabou-se a história e morreu a vitória. Tem mais não.

*Sai Mário de Andrade e a luz cai enquanto se ouve um canto triste:*

*Vamos dar a despedida*

*-Taperá*

*Talequal o passarinho*

*-Taperá*

*Bateu asa foi-se embora*

*-Taperá*

*Deixou a pena no ninho*



-Taperá...

*Escuridão.*

*Após uma pausa, de súbito, ouve-se a voz de Macunaíma:*

**MACUNAÍMA.** Ei! Ei! Bote mais luz, seu nhonhô moço! Mais luz, qual!

*Voltam as luzes.*

**MACUNAÍMA.** *(enquanto ascende ao céu)* Veja lá se um herói há de acabar assim! Qual o quê! Não tem cabimento. Ande eu quente, ria-se a gente! Deixei foi de achar graça nessa terra, que esse mundo não tem jeito. Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são. Vou pro céu, minha gente. Adeus, meu povo, que vou pro céu. Quando urubu está de caipora, o de baixo caga no de cima. Vou pro céu que não vim no mundo pra ser pedra. Não vim no mundo pra ser pedra! Macunaíma, o herói, isso que sim! Não vim no mundo pra ser pedra não! Sou Macunaíma. Macunaíma, o herói!

*Blecaute. Ouve-se Macunaíma cair, com estrondo.*

**MACUNAÍMA.** Ai que preguiça...

*Cai o pano.*